

Genealogia



Genealogia

Genealogia é o mapa das ligações biológicas entre diferentes indivíduos e gerações. Como ciência, é uma auxiliar da história, estudando a origem, evolução e dispersão das famílias e respectivos sobrenomes ou apelidos. Praticada em tempos passados exclusivamente pela elite, e misturando indiscriminadamente lendas e fatos, servia mais ao desejo de afirmar o prestígio das famílias e legitimar suas pretensões ao poder do que à documentação da história e preservação da memória. A partir de fins do século XVII passou a ser investigada de maneira científica, mas manipulações ideológicas persistem até hoje.

A genealogia tem associações profundas com uma ampla variedade de políticas e ideologias raciais, sociais, culturais e nacionalistas, e é um elemento fundamental na estruturação, coesão e funcionamento das sociedades. Sua relevância em múltiplos níveis justifica a vasta bibliografia existente sobre o tema. Na contemporaneidade a pesquisa genealógica se tornou uma atividade extremamente popular, que tem provocado um impacto importante nas formas de entendimento do passado e das origens pela população em geral, fenômeno que tem atraído a atenção dos especialistas pelos problemas que a atividade leiga desencadeia no sentido de uma difusão acrítica da história e de conhecimentos que muitas vezes são falsos ou distorcidos.

Política e sociedade

Iluminura representando o deus Odin e seus filhos, um frequente ponto de partida das antigas genealogias das casas reais nórdicas.

O interesse pela genealogia não é novo, e na Antiguidade muitas famílias ilustres traçaram genealogias que as associavam a ancestrais de tempos remotos, não raramente incluindo entre eles personagens fictícios como heróis lendários e divindades, incorporados às genealogias para emprestar-lhes prestígio. Enquanto que em tempos passados a genealogia misturava indiscriminadamente mitos e fatos, e era usada antes para afirmar um parentesco do que para demonstrá-lo objetivamente, a partir do século XVIII iniciou um movimento em direção a uma pesquisa de caráter científico, que se tornou a abordagem empregada atualmente nos estudos genealógicos acadêmicos. Como refere a historiadora Sara Trevisan,

"A genealogia era usada para comunicar mensagens políticas e simbólicas e afirmar a continuidade da ideologia, antes do que para estabelecer a verdade

histórica. De fato, até o início do século XVII, as genealogias eram geralmente baseadas em tradições que eram mais próximas da história oral do que da história escrita. Essa história escrita, por sua vez, se baseava em fontes citadas evasivamente ou alegadamente perdidas, quando não eram meramente falsificadas, tudo no intuito de ocultar sua origem na tradição oral".

Atualmente a pesquisa da genealogia familiar se tornou uma atividade extremamente popular, sustentada pela disponibilização de uma vasta quantidade de dados através da internet, mas essa popularização acentuou os problemas na área, sendo feita por uma multidão de amadores sem critério e método, usando fontes de baixa ou nula confiabilidade, com o resultado de proliferarem largamente genealogias falsas ou duvidosas. Segundo a pesquisadora Regina Poertner, as buscas genealógicas são atualmente a terceira maior atividade na internet, perdendo apenas para o comércio e para a pornografia. Em 2004, Jerome de Groot, em uma conferência promovida pela International Federation for Public History, chamou a atenção para este fenômeno e considerou que ele representava um desafio para a historiografia estabelecida e para as práticas de história pública, convidando os acadêmicos a estudarem as várias dimensões em que atuam a genealogia e a história familiar, estabelecendo o contexto local, nacional e internacional para as investigações, e as consequências e implicações de tamanha explosão no interesse genealógico contemporâneo para a imaginação cultural, para a história e para o conhecimento. Comentando esse chamado à ação, o professor Paul Knevel considerou que embora os leigos tenham critérios frouxos na construção da genealogia, é importante que os eruditos entendam o que significa para eles essa tentativa de fazer o passado reviver no presente, a importância das implicações afetivas, psicológicas e sociais dessa atividade, e como isso tudo afeta a valoração da história e da ciência pelo público em geral.

A avidez com que hoje as pessoas se aproximam da genealogia, por outro lado, pode torná-las alvos fáceis para empresas e indivíduos inescrupulosos que prometem pesquisas "científicas" mas entregam resultados pouco confiáveis ou inteiramente fantasiosos, ou as exploram de variadas maneiras. Diversos pseudo-pesquisadores se tornaram notórios pelas suas fraudes genealógicas, às vezes cobrando altas somas pelos seus trabalhos, como Charles H. Browning, Orra E. Monnette, Frederick A. Virkus, C. A. Hoppin, Horatio Gates Somersby, Gustave Anjou e John S. Wurts.

A busca pelas origens pode ter várias motivações num mundo que muda rapidamente e onde crescem os sentimentos de distância e desenraizamento e aumentam as dificuldades nos relacionamentos sociais. Pode trazer informações interessantes de um modo geral, pode preservar a memória familiar, pode fortalecer o senso de identidade ou de pertencimento a um grupo, pode criar ligações concretas com parentes antes desconhecidos, ultrapassando barreiras geográficas e culturais, pode proporcionar explicações

para aspectos da vida presente e lições úteis para a vida futura, e a percepção da continuidade geracional pode dar um novo sentido à existência e reforçar a auto-estima. Segundo Eviatar Zerubavel, a objetivação da genealogia também pode proporcionar uma grande distorção na percepção do tempo e uma experiência vicarial da história: "Ser membro de uma linhagem promove um sentido quase interpessoal do passado. Em outras palavras, promove uma maneira quase autobiográfica de vivenciar até mesmo eventos históricos muito distantes", acrescentando que há muitos testemunhos de que conhecer as origens transformou profundamente a visão que as pessoas tinham de si mesmas e de seu lugar no mundo, mas que essa revelação pode ser entusiasmante ou desagradável.

Há outros aspectos relevantes. Elementos genealógicos, reais ou imaginados, são onipresentes em ideologias políticas relativas aos conceitos de raça e etno-nação e em mitos fundadores de culturas, comunidades e nações, e são centrais para a manutenção de sua integridade, identidade e coesão. Os laços biológicos ou familiares são um poderoso estruturador do funcionamento das sociedades a identificação do lugar do indivíduo nesta rede é um fator importante na determinação do seu comportamento social e no seu bem-estar psíquico e emocional. A herança pode transmitir bens materiais mas também capitais simbólicos e sociais. Descender dos fundadores da comunidade ou de um personagem ilustre do passado, por exemplo, muitas vezes acrescenta prestígio e poder aos seus descendentes mesmo após muitas gerações, pode abrir muitas portas e ser um fator decisivo na preservação da influência e status da família, bem como pode servir como o cimento agregador de todo um clã e como um centro de confluência e preservação de tradições específicas. Reversamente, um personagem infamado pode lançar uma sombra duradoura sobre sua descendência e prejudicar seu sucesso social. Não por acaso a manipulação ideológica da genealogia, suprimindo elos indesejados ou acrescentando outros que não existem na realidade, sempre foi uma prática comum desde a Antiguidade. Conhecer a genealogia é uma expansão do conhecimento do grupo familiar imediato, e a ignorância a respeito das raízes mais antigas muitas vezes tem efeitos similares ao desconhecimento dos pais biológicos pelas pessoas que descobrem terem sido adotadas, o que muitas vezes desencadeia sentimentos de confusão, incompletude e abandono, desajuste social e crises de identidade. A criação de fantasias compensatórias é relativamente comum entre indivíduos e grupos sociais cujas raízes foram cortadas, como os escravos negros e os judeus da Diáspora.

Árvore genealógica descendente de Carlos Magno e Hildegarda de Vinzgouw. Pesquisas recentes indicam que Carlos Magno é um dos ancestrais de todas as pessoas vivas que têm sangue europeu, e é um dos casos em que foram descobertos caminhos plausíveis que levam seus antepassados até a Antiguidade.

A pesquisa genealógica popular costuma dar grande importância à descoberta de antepassados nobres, ilustres ou heroicos, e de fato se a pesquisa descobre uma linha que recua por vários séculos ela passa a progredir quase invariavelmente através de famílias nobres, sendo extremamente escassas as informações genealógicas sobreviventes sobre as classes populares no passado distante, mas não parece ter ficado suficientemente claro para o público leigo em geral que todas as pessoas vivas compartilham dos mesmos ancestrais remotos e que todas tiveram tanto reis como escravos entre seus antepassados. Isso contribuiu para que as antigas associações da genealogia com o poder, a política e o prestígio, a identificação com uma raça, uma nação ou um clã específicos, se perpetuem no presente, podendo se prestar ao fomento de vaidades, a novos divisionismos, a disputas e ao reforço de preconceitos e mitos, dando base para a repetição de exemplos trágicos de perseguições, expurgos étnico-culturais e exclusão social ocorridos ao longo da história, que carecem de justificação ética e de fundamentação científica. Nas palavras do genealogista Mark Humphrys,

"Nossos ancestrais são, nada mais e nada menos, aquela mistura de gente bruta, idiota, obstinada, intolerante, incompetente, covarde, junto com outros inteligentes e notáveis, que sempre constituiu a sociedade. Existimos porque existiram pessoas que despreziávamos se as encontrássemos pessoalmente. Genealogia é sobretudo descobrir o que elas foram realmente, não importa se foram admiráveis ou não. De fato, é mais divertido quando elas foram assassinas, quando casaram com os piores inimigos de seus pais, quando foram o sórdido resultado de amores fracassados, quando morreram antes de conhecer seus filhos, e assim por diante. Isso nos dá consciência do quão precária é a nossa existência, e do quão misturada e improvável é a nossa herança genética. Qualquer um que acredite que pertence a uma única raça, ou que seus ancestrais foram só 'gente fina', simplesmente não pesquisou o bastante.

"Isso é especialmente verdadeiro quando falamos da nobreza e da realeza, que geralmente são os únicos ancestrais conhecidos quando encontramos uma linha que nos leva ao passado distante. Por que deveríamos admirar um nobre, ou tomar seu partido? A nobreza do passado geralmente não foi senão os ladrões mais bem sucedidos, aqueles que roubavam as terras alheias, e viviam às custas do trabalho dos outros. Eles não eram escolhidos de Deus, foram apenas os sobreviventes de um longo processo de seleção natural entre os grupos mais fortes, agressivos e organizados, ajudados pelos maiores ladrões de todos os tempos: as famílias reais".

Descendência da Antiguidade

A descendência da Antiguidade é um tópico dos estudos genealógicos e prosopográficos que busca estabelecer a ligação entre famílias modernas e as famílias da Antiguidade. Embora seja um fato auto-evidente que todas as pessoas vivas descendem de antepassados que viveram na Antiguidade, a comprovação segura de toda a sequência de gerações para os descendentes de europeus ainda é impossível, havendo uma dramática lacuna de registros entre o fim da Antiguidade e a Idade Média. O mesmo vale para outras regiões do mundo, ainda que um reduzido grupo de famílias do Oriente pareça manter registros relativamente confiáveis ao longo de mais de dois mil anos.

Um passo fundamental foi dado pelos eruditos do século XIX, que compilaram todos os registros conhecidos até aquela época sobre todos os personagens da Antiguidade Clássica do Ocidente, permitindo a definição da genealogia de muitas famílias da Grécia e da Roma antigas, embora sua ligação com as famílias modernas permanecesse obscura.

Em vista da dificuldade insuperável representada pela documentação ausente ou incerta, na primeira metade do século XX o tema se tornou bastante desacreditado entre os especialistas. Contudo, nas últimas décadas ele voltou a receber atenção, especialmente a partir do trabalho de David Kelley *A New Consideration of the Carolingians* (1947), que foi uma das principais fontes para os influentes ensaios de Anthony Wagner, *Pedigree and Progress: Essays in the Genealogical Interpretation of History* (1975), e acompanhando os progressos nas áreas da paleografia, hermenêutica, arqueologia, epigrafia, cronologia, onomástica, prosopografia e outros campos de investigação, que trouxeram à luz uma massa de novos dados e tornaram possível estabelecer caminhos plausíveis para ligar as famílias modernas às antigas, embora essa ligação ainda permaneça, a rigor, no terreno das hipóteses. Entre os casos promissores estão as linhagens de Carlos Magno, Alfredo o Grande, Ruricius bispo de Limoges e os Bragatiônidas. Apesar da reserva e cautela dos especialistas, circulam livremente na internet e em publicações muitas genealogias sem fundamento documental sólido que remontam a milênios antes de Cristo.

O fator antiguidade tem um grande peso na manipulação genealógica para solidificar variadas pretensões ideológicas. A legitimidade política e sociocultural da Casa Imperial do Japão reside na crença de que descendem de Jimmu, o primeiro imperador japonês. Para justificar suas pretensões sobre Kosovo, os albaneses alegam descender dos ilírios, povo da Antiguidade que vivia na área antes da chegada dos eslavos, assim como os palestinos sustentam suas reivindicações sobre a Palestina baseados em alegações de descendência dos canaanitas, que ocupavam a região antes dos judeus.

Definição e objetivos

A genealogia se ocupa da identificação da ligação biológica entre diferentes indivíduos e da reconstituição da sequência ordenada de gerações dentro de um grupo familiar, buscando determinar as origens, a rede de parentescos e a evolução cronológica da família. Numa perspectiva mais abrangente, onde se associa à prosopografia, à história, às ciências humanas e sociais, procura reconstituir o perfil e a história social, política, econômica e cultural da família e seus integrantes, suas associações com outros grupos e seu papel na sociedade. No âmbito da história a genealogia está centrada no estudo das famílias, dando subsídios para e sendo subsidiada por outras ciências, como a sociologia, a economia, a história da arte, a genética, a medicina ou o direito.

O termo também é empregado em outras áreas de estudo significando a pesquisa das origens, ligações e desdobramentos de determinada ciência, corrente, ideologia, ideia ou tendência, de outros seres vivos, ou mesmo de objetos e invenções, como por exemplo a genealogia da moral, a genealogia da matemática, a genealogia da filosofia de Kant, a genealogia do cão doméstico, a genealogia do violino.

Fontes e dificuldades

A genealogia é reconstituída através de documentos escritos, como atos legais (certidões, contratos, etc), bibliografia histórica, crônicas, arquivos cívicos e religiosos, correspondência, inscrições, lápides, imprensa, mas também pode se valer de tradições orais e imagens. A genealogia pode ser ascendente, partindo do sujeito presente e retrocedendo pelas gerações antepassadas, ou descendente, partindo do fundador da família e acompanhando a evolução da sua posteridade.

Um dos principais problemas da pesquisa genealógica é assegurar a veracidade das informações transmitidas pelos documentos e tradições. A oralidade em geral é uma fonte pouco confiável, sendo particularmente propensa a distorções e imprecisões, mas a fraude documental também é muito frequente. Além disso, a documentação pode atestar uma filiação oficialmente reconhecida, mas também pode dissimular uma adoção secreta ou o fruto de um adultério. Quando o pesquisador imagina estar seguindo a linha do sangue pode estar seguindo uma linha que é apenas cartorial, e quanto mais se recua no tempo, mais difícil é descobrir se esses desvios ocorreram ou não. Estimativas precisas são impossíveis, mas calcula-se que na população europeia exista uma taxa média de até 4,5% de falsa paternidade.

Determinar a veracidade nem sempre é possível, e por isso a genealogia é uma ciência que tem de lidar com grandes doses de incerteza, mas mesmo

quando se sabe que as informações são inverossímeis, elas podem conter elementos verdadeiros e podem apontar para pistas que levem ao descobrimento da verdade. Podem auxiliar a diminuir as dúvidas a comparação entre documentos diferentes tratando do mesmo tópicO, a análise do perfil prosopográfico do grupo familiar, a análise científica da documentação na tentativa de descobrir falsificações, comparação do material genético dos alegados membros da família, etc, o que requer conhecimento especializado e grande experiência. A genealogia a todo momento envolve o trabalho com documentos antigos, às vezes em línguas diferentes ou em dialetos já poucos compreensíveis, ou em caligrafias difíceis, e com expressões de significado sutil ou variável, elementos cuja decifração e interpretação correta estão além do alcance de amadores.

Outro problema relevante é a dificuldade de traçar a genealogia europeia para trás da Idade Moderna, primeiro pela crescente escassez de fontes, e segundo pela inconsistência nas maneiras de denominação das pessoas, que não usavam sobrenomes antes do século XI, antes do século XVI a prática ainda não se generalizara e a inconsistência na onomástica se perpetuaria em certas regiões ainda por séculos. Por muito tempo as pessoas foram denominadas pela sua ocupação, pelo nome do pai, pelo lugar de origem ou por algum apelido, como por exemplo João Ferreiro, Antônio [filho] de Batista, Pedro de Florença ou José o Velho, ou de maneiras arbitrárias. Muitos desses apelativos acabaram se fixando como sobrenomes. Em outras culturas, porém, como a chinesa, os sobrenomes se fixaram muito mais cedo, mas em muitas outras nunca foram usados. Mesmo depois de estabelecidos, os sobrenomes podem mudar por várias razões, como para evitar perseguições políticas, para ocultar uma origem indigna, por tradições locais, por apadrinhamentos, por erros de registro que se perpetuaram nas gerações sucessivas. A tradição portuguesa, por exemplo, foi muito livre quanto à adoção de sobrenomes, podendo ocorrer vários na mesma célula familiar, e isso se reproduziu no Brasil até a padronização imposta no século XX. Além desses problemas, a existência de muita homonímia frequentemente leva à confusão entre personagens diferentes. Tampouco a posse de um mesmo sobrenome é garantia de consanguinidade.

A genealogia é uma ciência que estuda a origem, evolução e disseminação das várias gerações de uma família. A partir de informações buscadas em documentos e certidões de pais, tios, avós e bisavós, as pessoas conseguem descobrir seus antepassados e quando e onde eles nasceram. A visita em cartórios, igrejas, arquivos públicos, museus e bibliotecas também podem auxiliar na busca por mais informações.

A partir dessa busca é possível construir a árvore genealógica de uma família com nomes, datas e lugares por onde andaram nossos antepassados, de forma que sejam mantidos vivos na memória de seus descendentes.

A árvore genealógica também pode ser chamada de heredograma (do latim heredium, herança), que é a representação gráfica das relações de parentesco entre os indivíduos de uma família. No heredograma, cada indivíduo é representado por um símbolo, que mostra as suas características particulares e a relação de parentesco com os demais. Geralmente, os indivíduos do sexo masculino são representados por quadrados, enquanto os do sexo feminino são representados por um círculo. O casamento, no sentido biológico de procriação, é representado por um traço horizontal unindo o casal, e os filhos desse casamento são indicados por traços verticais unidos ao traço horizontal do casal

Os heredogramas são muito empregados em problemas de genética, e no caso da espécie humana, a construção de heredograma é importante para a verificação do padrão de herança das características, facilitando ao geneticista saber se um traço fenotípico é hereditário ou não, e de que modo esse traço é herdado.

A Bíblia é recheada de genealogias. Provavelmente você já deve ter lido alguma mesmo sem saber. O povo judeu, tradicionalmente, dava muito valor aos registros das suas genealogias, o que nos permitiu conhecer muito das personagens que compuseram a sua história.

Genealogia é uma lista onde constam os nomes dos parentes de alguém ou de alguma família. Desse termo surgiu a expressão árvore genealógica, que é uma lista de nossos descendentes. Para exemplificar, vou expor abaixo um trecho da genealogia de Adão até Noé, que se encontra em Gênesis 5. 3-32: Adão – Sete – Enos – Cainã – Maalalel – Jaredé – Enoque – Metusalém – Lameque – Noé.

Essa genealogia de Adão que mencionamos acima é uma genealogia simplificada que segue mostrando apenas um dos filhos de cada personagem, provavelmente o primogênito (primeiro filho homem), que era quem recebia a liderança da família quando o pai morria. A genealogia completa contaria com todos os entes da família. A Bíblia geralmente usa o personagem que tem mais importância na história e descreve a sua genealogia de modo a simplificar o relato.

Você deve ter notado também que na sociedade judaica, que era patriarcal, na maioria das genealogias não constava o nome das mulheres. No entanto, elas também fazem parte de qualquer genealogia, afinal, sem elas, não há multiplicação dos descendentes.

Porém, em algumas genealogias bíblicas, vemos também mulheres citadas que, normalmente, eram incluídas quando se destacavam de alguma forma na

sociedade ou na história narrada. É o caso, por exemplo, da genealogia de Jesus Cristo registrada em Mateus 1. 1-17, onde constam nomes de várias mulheres que tiveram importância singular na narrativa bíblica.

Normalmente as pessoas acham bem chato ler as genealogias, mas estudá-las nos ajuda a enxergar melhor a história bíblica e seus personagens. Vou te dar um exemplo: você sabia que estudando as genealogias consegui verificar que Adão conviveu com Noé devido as idades grandes que os personagens viveram naquela época? Esse fato nos ajuda a entender como os relatos orais conseguiram se manter fieis até que alguém os escrevesse. Afinal, por exemplo, Adão estava ali para contar a história exatamente como ocorreu e evitar distorções.

Geração

Geração (do termo latino *generatione*), também conhecida como procriação em ciências biológicas, é o ato de se produzir descendentes.

Em um sentido mais geral, também pode se referir ao ato de se criar algo inanimado, como ideias, som, eletricidade ou um código criptográfico. Também pode se referir a conjuntos de descendentes, como a Geração X, ou aos estágios sucessivos de melhoria no desenvolvimento de uma tecnologia (como a do motor de combustão interna ou os sucessivos lançamentos de produtos com obsolescência planejada, como consoles de videogame e telefones celulares).

Desde o século XX, a forma de classificar gerações de épocas específicas e nomeá-las, tem sido um hábito cada vez mais comum. Diferentemente de separar por idade, sexo ou renda, a classificação por gerações se apresenta mais correta para definir alguém, mesmo com o passar dos anos, pois ela permanece com suas denominações, independente de mudanças pessoais, de faixa etária ou econômicas. Porém, tais classificações não são bem aceitas em todas as áreas do conhecimento, embora amplamente utilizadas.

Os Baby boomers, nascidos dos anos 1940 e 1950 até o início dos anos 1960, são os netos e filhos da Geração Grandiosa e Geração Silenciosa, e bisnetos e netos da Geração Perdida. Já a Geração X são as pessoas nascidas nas décadas de 1960 e 1970. A Geração Y, são pessoas nascidas entre 1977/78 e a metade dos anos 1990, enquanto a Geração Z são os indivíduos nascidos por volta de meados dos anos 1990 e Década de 2000 em diante.

Algumas denominações têm usado as letras do alfabeto. Assim, a Geração X se refere aos filhos dos últimos membros da Geração Silenciosa e dos

primeiros Baby boomers e a Geração Y se refere aos filhos dos últimos membros dos Baby boomers e dos primeiros membros da Geração X. No entanto, uma nova denominação está sendo utilizada para uma geração de indivíduos preocupados, cada vez mais, com a conectabilidade com os demais indivíduos de forma permanente, a Geração Z.

Para os propósitos desta lista, "mundo ocidental" pode ser tomado para incluir as Américas, Europa e Oceania. No entanto, deve também notar-se que muitas variações podem existir dentro das regiões, tanto geográfica como culturalmente, o que significa que a lista é amplamente indicativa, mas necessariamente muito geral. Para detalhes, veja os artigos individuais.

A Geração Perdida, igualmente conhecida como a geração de 1914 na Europa, é um termo atribuído tradicionalmente a Gertrude Stein para descrever aqueles que lutaram na Primeira Guerra Mundial e depois viveram durante os Roaring Twenties. Os membros da geração perdida nasceram por volta de 1883 e 1900.

Geração Grandiosa, também conhecida como a "Grande Geração", é a geração que inclui os veteranos que lutaram na Segunda Guerra Mundial. Eles nasceram por volta de 1901 a 1924, atingindo a maioria durante a Grande Depressão. É sucessora da Geração Perdida (1883-1900).

Geração Silenciosa, Nasceram aproximadamente entre os anos de 1925 a 1945. Inclui alguns indivíduos que lutaram na Segunda Guerra Mundial, e a maioria daqueles que lutaram na Guerra da Coréia.

Baby Boomers são a geração que nasceu após a Segunda Guerra Mundial, geralmente por volta de 1946 a 1964, uma época que foi marcada por um aumento nas taxas de natalidade. O termo "baby boomer" é usado às vezes em um contexto cultural. Por conseguinte, é impossível alcançar um amplo consenso sobre uma data definida de início e de fim.

Geração X, é a geração seguinte aos Baby Boomers. Os demógrafos e os pesquisadores costumam usar os anos de nascimento desde o início até meados dos anos 1960 até o início dos anos 80.

Geração Y, são a geração demográfica após a Geração X. Os demógrafos e pesquisadores usam tipicamente o início dos anos 1980 até meados da década de 90, como anos de nascimento.

Geração Z, é a geração de pessoas nascidas após a Geração Y. Os demógrafos e pesquisadores costumam usar o nascimento desde meados da década de 1990 até o início dos anos 2000, embora ainda haja pouco consenso quanto ao término dos anos de nascimento.

Sobrenome, apelido ou nome de família é a porção do nome do indivíduo que está relacionada com a sua ascendência. Está intimamente ligado ao estudo genealógico.

Na maioria das línguas indo-europeias, o prenome precede o sobrenome (apelido de família) na forma de designar as pessoas. Em algumas culturas e idiomas (por exemplo em húngaro, vietnamita, chinês, japonês ou coreano), o sobrenome precede o prenome na ordem do nome completo.

Na maioria das culturas as pessoas têm apenas um sobrenome, geralmente herdado do pai. No entanto, em nomes de origem anglo-saxónica é comum a utilização de um nome do meio entre o nome próprio e o sobrenome, por vezes escolhendo o sobrenome materno para esse segundo nome próprio. Já na cultura lusófona é costume os filhos receberem um ou mais sobrenomes de ambos os progenitores. Também assim se procede na cultura hispânica, porém note-se que, enquanto na Lusofonia os sobrenomes maternos precedem os paternos na disposição final do nome completo, na Espanha e na América hispânica a ordem é a inversa. Em Portugal o número máximo de sobrenomes permitidos é quatro, o que permite o uso de sobrenome duplo quer materno, quer paterno, enquanto que em Espanha é de dois, mas esses dois podem ser duplos, unidos por hífen, resultando na realidade em quatro. Já no Brasil e nos restantes países de língua portuguesa não existe essa limitação.

Em muitas culturas também é normal uma mulher assumir o sobrenome do marido após o casamento. Em Países como a França, a Alemanha e nos países anglo-saxónicos é normal a mulher "abdicar" do seu sobrenome de solteira (o chamado maiden name) e ficar apenas com o sobrenome do seu cônjuge. Nos últimos anos, porém, tem-se tornado algo frequente as mulheres estadunidenses apenas "acrescentarem" o apelido do marido ao seu nome de solteira ou hifenizarem ambos os sobrenomes (é o caso de Hillary Rodham Clinton).

Na Espanha e em alguns países de língua espanhola a mulher costumava substituir o seu sobrenome materno pelo sobrenome do marido, precedido da preposição "de". Contudo, nas últimas décadas esta prática tem sido gradualmente abandonada.

Em Portugal a lei apenas obriga, ao registar-se um neófito, a que este receba um nome próprio, e um dos sobrenomes paternos, do pai, não necessariamente o último sobrenome do pai, pode ser até o da mãe do pai, ou sobrenome paterno do meio. Um segundo nome próprio, sobrenomes maternos, ou mais sobrenomes paternos, até ao número de quatro, são facultativos legalmente, ou seja, dependem da vontade dos pais.

A partir do final do século XIX apenas, e por influência da burguesia francesa, tornou-se algo comum as mulheres portuguesas acrescentarem o sobrenome

(ou duplo sobrenome) do marido aos seus sobrenomes, sem no entanto perderem os seus próprios de solteira. Esta prática pode originar nomes extraordinariamente longos (dois nomes próprios ou em casos muito raros três, e até seis sobrenomes seguidos) ou causar situações como uma mulher chamada Maria Santos Silva casar com um homem chamado José Pereira Santos, passando o seu nome a ser Maria Santos Silva Santos. Note-se no entanto que a repetição na mulher de sobrenomes comuns aos noivos é legalmente facultativa em Portugal, e depende apenas do gosto da noiva. Assim por exemplo, geralmente esta Maria Santos Silva escolherá ao casar assinar-se oficialmente Maria Silva dos Santos, se Pereira for da sua sogra, ou Maria Silva Pereira dos Santos, se Pereira dos Santos for sobrenome duplo do marido. Pois a adoção do sobrenome do marido, note-se, nunca foi obrigatória em Portugal, é apenas facultada por lei perante a vontade expressa dos noivos nesse sentido. Inversamente, a lei permite à mulher divorciada guardar o sobrenome ou sobrenomes do ex-marido, se assim o entender, por exemplo, por já ser conhecida profissionalmente e não pretender por essa razão retirá-los, ou outra ainda - manter o mesmo sobrenome usado pelos seus filhos, por exemplo.

Atualmente uma nova tendência cultural entre as mulheres portuguesas está regressando ao velho costume português de manter os sobrenomes de solteira, não adotando os do marido ao casar. Também não é incomum em Portugal uma mulher assumir o sobrenome do marido, mas não o usar, nem na sua vida profissional, nem na sua vida pessoal (veja-se o caso de Maria Barroso). Na lei atual, também é permitido os homens adotarem o sobrenome das esposas, ou cada um dos noivos adotar um sobrenome do outro em troca, embora este uso seja raro.

Em países como o Japão, ao casar-se, um casal é obrigado a assumir um sobrenome em comum, e apesar de na maioria das vezes ser o do homem, o contrário também é socialmente aceito.

A prática das mulheres assumirem o sobrenome do marido é considerada por vezes sexista, devido ao seu aparente significado histórico — as mulheres deixariam de pertencer à família do pai para pertencerem à família do marido. Esta perspectiva pode ser no entanto contrariada, pelo menos no quadro da cultura lusófona, onde durante séculos — e até ao século XIX, pelo menos —, se manteve o costume patriarcal de as filhas tomarem os sobrenomes de suas mães, tias e avós, na generalidade dos casos, tanto entre a nobreza como entre o povo, reservando-se aos rapazes o uso dos sobrenomes dos seus pais, tios e avós (masculinos). E ainda o costume cruzado de o primeiro filho homem tomar o nome completo (prenome e sobrenome) do avô paterno, enquanto o segundo filho homem tomava o nome completo do avô materno; enquanto às mulheres se procedia dando à primeira o nome total da avó materna, à segunda o nome por inteiro da avó paterna, etc. Este singularização

onomástica histórica de Portugal no quadro internacional explica-se pelas fundas raízes matriarcais da cultura celto-galaica, depois galaico-portuguesa, de que ele nasceu.

É interessante acrescentar que no Brasil, até o Código Civil de 2002, somente as mulheres poderiam adquirir o sobrenome do cônjuge. Após a nova edição do diploma legal, o marido passou também a poder acrescentar ao seu nome o sobrenome da mulher, cabendo ao casal esta decisão.

Conhecer a origem dos sobrenomes poderá indicar de onde certa família descende, no que trabalhavam ou conhecer algumas características dos ancestrais dessa família.

Os primeiros a adquirirem sobrenomes foram os chineses. Algumas lendas sugerem que o Império Fushi decretou o uso de sobrenomes, ou nomes de famílias, por volta de 2852 a.C. Os chineses tinham normalmente 3 nomes: o sobrenome, que vinha primeiro e era uma das 438 palavras do sagrado poema chinês "Po-Chia-Hsing". O nome de família vinha em seguida, tirado de um poema de 30 personagens adotados por cada família. O nome próprio vinha então por último.

Na Roma Antiga tinham apenas um nome próprio. No entanto mais tarde passaram a usar três nomes. O nome próprio ficava em primeiro e se chamava "prenome". Depois vinha o "nome", que designava o clã. O último nome designava a família e é conhecido como "cognome". Alguns romanos acrescentavam um quarto nome, o "agonome", para comemorar atos ilustres ou eventos memoráveis. Quando o Império Romano começou a decair, os nomes de família se confundiram e parece que os nomes sozinhos se tornaram costume mais uma vez.

Origem étnica dos sobrenomes no Brasil

Segundo pesquisa de 2016 publicada pelo IPEA, a grande maioria dos brasileiros têm sobrenome de origem ibérica. Em um universo de 46.801.772 nomes de brasileiros analisados, somente 18% deles tinham ao menos um sobrenome de origem não ibérica (germânico, italiano, leste europeu ou japonês). Os sobrenomes ibéricos predominam em quase todo o Brasil, com exceção de grande parte do Sul do Brasil, do Oeste Paulista e das serras do Espírito Santo, que receberam muitos imigrantes não ibéricos nos últimos dois séculos, além de áreas de expansão da fronteira agrícola dos estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que receberam migrantes oriundos do centro-sul nas últimas três décadas. O estudo salientou que o sobrenome, contudo, não necessariamente reflete a "ancestralidade cultural ou

genômica", "pois há perda de linhagem matrilinear e adoções, mudanças de nome no casamento, entre outros eventos, que podem fazer reduzir a precisão de tal indicador". Além do mais, africanos, índios e seus descendentes adquiriram sobrenomes portugueses no Brasil.

Ancestralidade do sobrenome estimada pelo último ou pelo único sobrenome, no Brasil	
Origem	Porcentagem
Ibérica	87,5%
Italiana	7,7%
Germânica	3,3%
Leste europeia	0,8%
Japonesa	0,7%

Pesquisa Genealógica e a origem dos sobrenomes

Uma das ciências auxiliares da História, a Genealogia está intimamente ligada aos sobrenomes. A busca pela origem dos nomes das famílias é uma das formas de obtenção dos registros que permitem conhecer a árvore genealógica de uma pessoa, bem como dados importantes sobre a origem de sua parentela.

A internet revolucionou a pesquisa genealógica, reunindo recursos que diminuiriam muito o tempo necessário para construir uma árvore de ancestrais. Tecnologias como as redes sociais são empregadas de forma a facilitar a busca por pessoas distantes que tenham o mesmo sobrenome, parentes esquecidos, perdidos ou por registros relevantes.

Para Foucault, a verdade é indissociável da singularidade do acontecimento. Aquilo qualificado de verdadeiro não habita num já-aí; antes, é produzido como acontecimento num espaço e num tempo específicos. No espaço, na medida

em que não pode ser válido em qualquer lugar; no tempo, porque algo é verdadeiro num tempo propício, num kairós.

Vale destacar ainda seus mensageiros e operadores privilegiados: são os que possuem os segredos dos lugares e do tempo, os indivíduos submetidos aos exames de qualificação e que pronunciam palavras requisitadas ou cumprem gestos rituais, aqueles ainda sobre os quais a verdade escolheu para abater-se: profetas, adivinhos, inocentes, cegos, loucos, sábios e assim por diante. Trata-se de uma verdade descontínua, não-universal, dispersa e que se produz como acontecimento.

Segue a possibilidade de duas histórias da verdade: uma da manifestação daquilo que é: verdade-apofântica, verdade-descoberta, verdade-abstrata, constante, demonstrada e objetiva que faz uso da mediação de instrumentos; outra, da ordem daquilo que acontece, das técnicas de produção, da captação mediante rituais e recusas, efeito de jogos de verdade que ocorrem nas práticas concretas. Enquanto a verdade-descoberta discute questões de método, a verdade-acontecimento estabelece estratégias; se a primeira sublinha relações entre sujeito e objeto, a segunda enfatiza choques arriscados, reversíveis e belicosos, enfrentados por aqueles que são tomados por ela.

A comparação entre as duas modalidades de verdade visa sugerir que a verdade-demonstração, atualmente identificada com as práticas científicas, deriva da verdade-ritual, quando se faz sua genealogia, quando é examinado seu começo de pouca glória. Ainda que a verdade-demonstração tenha adquirido proporções gigantescas, constitui apenas um aspecto e uma modalidade da verdade-acontecimento e de sua tecnologia.

Em vez de perguntar sobre qual é o método mais seguro da verdade, depois de Nietzsche, melhor seria indagar sobre seu caminho histórico "ocasional". Afirmar que a verdade tem uma história no sentido genealógico implica deixar de lado a busca da finalidade ou da origem essencial da própria história. Além de apontar a dependência da verdade-demonstração em relação à verdade-acontecimento, o genealogista procura mostrar que disso resulta uma mudança de olhar sobre o significado da história.

Ao acompanhar passagens seletas do artigo intitulado "Nietzsche, a genealogia e a história", é possível apreciar como a perspectiva genealógica de história difere do significado que lhe é atribuído pela filosofia da história tradicional.

O termo genealogia, tal como utilizado por Nietzsche, afasta-se do estudo das origens; na verdade, contrapõe-se às pesquisas de origem (no sentido de Ursprung), ao denunciar que estas últimas bastam-se com a busca de essências fixas detrás dos acontecimentos. Nas filosofias da história que sublinham as pesquisas de origem, as contingências do acontecimento são

tratadas como acidentes exteriores à essência da história, sendo competência desta última a busca da identidade primeira como repetição da origem.

Constitui tarefa do genealogista reconstruir, "peça por peça", a historicidade estranha e precária dos conceitos tornados fixos e universais, registrando sua proveniência (Herkunft) e emergência (Entstehung).

O conceito instrumental de proveniência distancia-se da idéia de pertença social ou da categoria de semelhança, a partir das quais seriam ordenadas as diferenças. Ao contrário, ele tem como função dissociar a unidade e a universalidade do sujeito, introduzindo na sua síntese vazia acontecimentos ínfimos, normalmente esquecidos pela memória. Nada existe além da dispersão histórica do acontecimento. Ao invés de afirmar que o passado está vivo no presente, como pretendem as histórias continuístas, a genealogia se atém à "exterioridade dos acidentes", aos desvios e maus cálculos que deram origem ao que existe, e que para nós tem valor. Essa é a razão pela qual aquilo qualificado como verdade numa época precisa ser submetido freqüentemente à análise crítica, porquanto torna-se impossível pensar em verdades essenciais depositadas numa história originária.

A história é o lugar do acontecimento da verdade, razão pela qual esta é sempre uma perspectiva de verdade. O genealogista tem como tarefa inevitável submeter aquelas verdades tornadas evidentes pela sua cultura a uma "prova de acontecimentalização", apontar o jogo sempre empírico e provisório a partir do qual articulam-se estratégias de poder e técnicas com pretensão de verdade. Daí a empresa infrutífera que busca distinguir o verdadeiro do falso, o fundado do não-fundado, o legítimo e do ilusório. Sendo a verdade um acontecimento, sua abordagem é outra.

Procura-se saber quais são os vínculos, quais são as conexões que podem ser reconhecidas entre mecanismos de coerção e elementos de conhecimento, quais jogos de recondução e de apoio são desenvolvidos entre eles, o que faz que tal elemento de conhecimento possa adquirir efeitos de poder afetados num semelhante sistema por um elemento verdadeiro ou provável, incerto ou falso; e o que permite que tal procedimento de coerção adquira a forma e as justificações próprias de elemento racional, calculado, tecnicamente eficaz etc.

Decorre a não-essencialidade do saber e do poder. O saber diz respeito somente aos procedimentos e efeitos de conhecimento aceitáveis num momento e domínio definidos; o poder concerne aos mecanismos específicos e estratégicos suscetíveis de induzir comportamentos ou discursos. Seria um equívoco imaginar que Foucault tenha transformado o poder e o saber em transcendentais ou princípios de realidade, quando não passam de chaves de análise.

A filosofia é situada ao mesmo tempo, além e aquém, de todo acontecimento, posto que tudo o que acontece emerge previamente envolto por ela. Ela é designada como repetição de uma origem mais do que originária, ao exceder tudo aquilo que é dito por meio da história. Segue que qualquer discurso filosófico autêntico excede, em sua desmedida, o que pode acontecer na ordem do saber e das instituições. O excesso de origem que apenas a filosofia pode repetir para além de todo esquecimento retira qualquer pertinência do acontecimento. Ao pensar desse modo, Derrida avalia o acontecido nos séculos XVII e XVIII – que Foucault descreve em *Histoire de la folie* – apenas como amostra (repetição do idêntico) ou modelo (excesso inesgotável da origem).

Evidenciamos a discussão Foucault-Derrida somente para indicar como um acontecimento singular – aquele da segregação do louco – tem se tornado capital para a compreensão da problemática da verdade na definição moderna de doença mental. Em vez de a verdade atual da doença mental ser o critério de exame do passado, é o acontecimento primeiro da partilha entre razão e loucura que se volve fundamento daquela verdade moderna.

Em conseqüência, a verdade da doença mental é da ordem do acontecimento e não do terreno da pertença originária, de modo que a proveniência de seu conceito procede da história da cultura ocidental que decide partilhar entre aquilo com o qual passa a identificar-se e aquilo que exclui do seu interior, embora persista ameaçando surdamente aquela identidade constituída.

O que é genoma?

Genoma é a sequência completa de DNA (ácido desoxirribonucleico) de um organismo, ou seja, o conjunto de todos os genes de um ser vivo. Estudar o genoma é como estudar a anatomia molecular de uma espécie.

O DNA é uma molécula constituída por nucleotídeos que apresenta como função armazenar as informações genéticas na sequência de suas bases nitrogenadas. Os genes são comumente definidos como trechos de DNA que apresentam as informações necessárias para a produção de proteínas. Vale destacar que os genes também incluem sequências de nucleotídeos necessários para a síntese de outros tipos de RNA.

Conhecer os genes de uma espécie pode trazer informações valiosas sobre um ser vivo, os processos normais que nele ocorrem e até mesmo os genes que podem desencadear doenças. No caso de seres humanos, testes genéticos que analisam o genoma de um indivíduo podem fornecer

informações sobre doenças que ainda não se manifestaram e os possíveis riscos de desenvolvimento da enfermidade. Desse modo, conhecer os genes ajuda no diagnóstico e também na identificação da predisposição genética para certos problemas.

Além de encontrar possíveis doenças, conhecer os conjuntos de genes humanos ajuda na criação de medicamentos para diversos grupos de indivíduos, evitando, portanto, reações adversas graves. O conhecimento sobre os genes abre portas ainda para a terapia gênica, em que genes normais são usados para substituir os defeituosos.

Árvore Genealógica

A genealogia é uma ciência que tem como objetivo estudar a origem de uma pessoa ou de uma família. Em um português simples e claro, é a “História da Família”.

Já a árvore genealógica é a forma mais utilizada e de fácil compreensão para organizar os dados coletados dos membros da família.

O gráfico ganhou esse nome porque se assemelha as ramificações das árvores.

Comece por você mesmo e a vá acrescentando as ramificações.

Antes de você coloque seu pai e sua mãe, seus irmãos ao seu lado e caso tenha filhos, coloque-os abaixo de você.

Tenha certeza de que não esqueceu ninguém!

Coloque seus bisavós, tios, primos e sobrinhos, não deixe ninguém de fora!

Se por acaso você não souber o nome correto de alguém, deixe o espaço reservado para ela lá, assim você saberá os dados que precisa pesquisar.

A árvore genealógica é a história da sua família, mas para quem está em busca da cidadania italiana ela servirá também como um check list para as informações que faltam.

Por isso, nesse momento você precisa definir quais são as informações fundamentais para serem usadas na sua pesquisa de documentos para a cidadania italiana.

Nós sugerimos algumas, mas você pode acrescentar outras, ou até mesmo colocar fotografias.

Nome completo e escrito corretamente

Data de Nascimento

Data de Casamento (quando houver)

Data de Óbito (quando houver)

Nessa fase é preciso muitas vezes paciência para encontrar as informações corretas. Converse com os parentes mais velhos e abra os baús históricos que toda família tem.

Além dessas informações que você precisa, certamente vai encontrar boas histórias de seus familiares.

Reunir toda documentação disponível sobre seus familiares: Certidões de nascimento, casamento e óbito, carteiras de identidade, de trabalho, passaportes, documentos de naturalização, títulos de eleitor, salvos-condutos, formais de partilha, certificados escolares, etc...

As bíblias antigas continham muitas vezes anotações familiares. Cadernos escolares antigos, diários, cartas recebidas de parentes do exterior são muitas vezes fonte riquíssima de informações sobre nossos ancestrais.

Vasculhe os baús do sótão a procura deles. Junte as fotos antigas e procure saber quem são as pessoas que aparecem nelas.

Os documentos servirão para montar a árvore genealógica, enquanto as fotos, cartas e objetos pessoais nos ajudam a montar a história da família. Sem a árvore genealógica, a história familiar começa a bater em obstáculos intransponíveis e perde o sabor e o contato com a realidade.

Para não se perder, é preciso partir do conhecido para o desconhecido: dos parentes mais próximos para os parentes mais distantes. Numa família há sempre muitos nomes parecidos (Ex. meu avô se chamava Fernando Julio Korndorfer, a mim me acrescentaram um Neto no final e meu filho, que também

se chama Fernando Julio Korndorfer, recebeu um III ao final, por falta de opção).

Compor um banco de dados, a partir dos documentos acima, onde constem, no mínimo, os seguintes dados: nome completo, apelidos, datas e locais de nascimento, casamento, morte e sepultamento, nomes dos pais, dos sogros, dos irmãos, da esposa e filhos (o nome da esposa deve sempre ser o nome de solteira).

Descobertas as cidades brasileiras de onde vieram os antepassados, comece a procura dos documentos que registram as histórias deles: pesquise em Cartórios de Registros Cíveis e Arquivos Paroquiais ou Livros de Registros de igrejas, levando-se em conta as localidades e épocas reais ou hipotéticas (itens 2 e 3).

Outros locais de pesquisa: bibliotecas públicas, museus, arquivos públicos, institutos históricos / geográficos / genealógicos, academias de letras, etc. Não se esqueça de uma visita ao cemitério para passar a vista nos registros de óbitos: muitos deles já estão se informatizando (o de Curitiba, por exemplo) e a pesquisa é bastante rápida. Os livros de sepultamento e as lápides por vezes trazem informações valiosíssimas.

Nessa etapa você se aproxima mais dos ascendentes que imigraram, e começa a descobrir os locais de onde eles vieram, como vieram, o que fizeram nos primeiros tempos aqui no Brasil, o navio em que viajaram, o porto no exterior, etc.

Uma árvore genealógica é um histórico de certa parte dos antepassados de um indivíduo ou família. Mais especificamente, trata-se de uma representação gráfica genealógica para mostrar as conexões familiares entre indivíduos, trazendo seus nomes, algumas vezes, datas e lugares de nascimento, casamento e morte, além de fotos. O nome se dá pelo fato da semelhança ao ramificar das árvores, que normalmente segue a Sequência de Fibonacci. A representação da árvore de uma ascendência, também chamada árvore de costados, tende a ter um crescimento exponencial de base 2.

Uma árvore genealógica também pode representar o sentido inverso, ou seja, partindo de um antepassado comum, sendo a raiz da árvore, até todos seus descendentes colocados nas suas inúmeras ramificações, que é chamada árvore de geração

O uso destas se faz para prova de ancestralidade, o indivíduo que constrói árvores genealógicas, quando da própria família é denominado probandus ou de cujus. É também usada na medicina, para estudo de doenças de cunho genético, tais como adicção, gota, diabetes, etc. No caso específico da representação dos descendentes diretos próximos é denominado pedigree ou linhagem, sendo que pedigree, tem por vezes denotações pejorativas.

A árvore genealógica é a representação gráfica e simbólica do histórico das ligações familiares de um indivíduo, apresentando de forma organizada os seus ascendentes e descendentes.

Este é um instrumento importante no processo genealógico, pois é uma maneira de levantar dados sobre os ancestrais dos membros que tiveram participação na construção familiar de uma pessoa, de maneira que fiquem estabelecidas as conexões entre esses indivíduos.

Normalmente, a árvore genealógica é utilizada para comprovar a ancestralidade de uma determinada família, determinando sua linhagem ou "pedigree", uma maneira mais informal de indicar a nobreza da família.

Através desta representação, é possível conhecer a origem familiar e detectar a origem de anomalias, problemas de saúde e doenças genéticas. A árvore genealógica serve de base para estudos destas doenças de cunho genético.

Em inglês, utiliza-se o termo "family tree" para identificar a árvore genealógica.

Para fazer a construção da árvore genealógica é necessário descobrir de onde vieram os seus ancestrais, o que pode ser feito buscando a origem dos sobrenomes do pai e da mãe de um indivíduo.

As pesquisas são feitas levando em conta aspectos como seus nomes e, algumas vezes, datas e lugares de nascimento, documentos importantes, registros, casamento, fotos e falecimento.

Normalmente, ela é iniciada com o nome do ancestral mais antigo que se conseguiu dados e partir desta pessoa, tem-se também informações dos seus descendentes até chegar ao membro mais novo da família ou na pessoa de interesse.

Quando o indivíduo que constrói a árvore genealógica é da própria família, ele é chamado de probandus ou de cujus.

A Árvore genealógica, através de um longo estudo, traça o perfil das pessoas que participaram direta ou indiretamente na vivência passada de uma pessoa ou de sua família.

É um histórico que vai apresentar os resultados encontrados, por meio de estudos, acerca dos antepassados desta família, de maneira que tais conhecimentos proporcionem um esclarecimento dos laços de ligação do futuro com o passado muitas vezes desconhecido.

A montagem de uma árvore genealógica geralmente é iniciada colocando-se o nome do antepassado mais antigo de que se tenha algum dado e a partir das pessoas que descendem deste ancestral chega-se ao serzinho mais novo da família ou pode-se até mesmo encontrar uma pessoa em especial, que esteja sendo procurada por sua família.

O procedimento normalmente usado começa por se desvendar de onde veio os antepassados de uma determinada família, através da naturalidade do patriarca e da matriarca e a seguir anotam-se as seguintes informações:

- * O nome e sobrenome de todos os entes estudados;
- * A data e local onde nasceram;
- * Documento de comprovação de união matrimonial no qual apareça data e local onde foi realizada a cerimônia;
- * Atestado de óbito no qual conste a data e local do ocorrido;
- * Informes gerais a respeito de cada pessoa, tais como profissão que exerce, nível de escolaridade, história da família no país de origem da pesquisa, procedência do nome, do sobrenome e outras informações úteis.

É importante saber que a ciência que cuida de estudar os ancestrais e seus descendentes e em seguida montar uma árvore genealógica das mesmas é a Genealogia.

Normalmente quando se estrutura a árvore genealógica de uma família com poucas informações ela é representada por uma pequena árvore, quando os elementos são de maior proporção a sua feição torna-se mais complexa, pois os dados passam a ficar mais desarranjados; quando isso acontece a visualização melhora através de uma representação gráfica.

Michel Foucault

Michel Foucault (pronúncia francesa:IPA: [mifɛl fuko]); Poitiers, 15 de outubro de 1926 — Paris, 25 de junho de 1984) foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France, de 1970 até 1984 (ano da sua morte). Suas teorias abordam a relação entre poder e conhecimento e como eles são usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais. Embora muitas vezes seja citado como um pós-estruturalista e pós-modernista, Foucault acabou rejeitando esses rótulos, preferindo classificar seu pensamento como uma história crítica da modernidade. Seu pensamento foi muito influente tanto para grupos acadêmicos, quanto para ativistas.

Nascido em Poitiers, na França, em uma família de classe média-alta, Foucault foi educado no Lycée Henri-IV e tinha uma tensa relação com seu pai, que chegou a interná-lo aos 22 anos de idade acusando-o de ser louco, após tentativa de suicídio. Na idade adulta, Foucault entrou para a Escola Normal Superior de Paris, onde ele desenvolveu seu interesse por filosofia e teve influência de seus tutores, Jean Hyppolite e Louis Althusser.

Depois de vários anos como diplomata cultural no exterior, ele retornou à França e publicou seu primeiro grande livro, A História da Loucura. Após trabalhar entre 1960 e 1966 na Universidade de Clermont-Ferrand, ele produziu duas publicações mais significativas, O Nascimento da Clínica e As Palavras e as Coisas, que exibiu seu crescente envolvimento com o estruturalismo, um movimento teórico na antropologia social, do qual ele distanciou-se mais tarde. Essas três primeiras obras foram exemplos de uma técnica historiográfica que Foucault estava desenvolvendo e que ele chamou de "arqueologia".

De 1966 a 1968, Foucault lecionou na Universidade de Túnis, na Tunísia, antes de retornar para a França, onde se tornou chefe do departamento de filosofia de uma nova universidade experimental, a Paris VIII. Em 1970, ele foi admitido no Collège de France, onde permaneceu até sua morte. Ele também tornou-se ativo em alguns grupos de esquerda envolvidos em campanhas anti-racistas, contra violações aos direitos humanos pela luta por uma reforma penal. Ele passou a publicar A Arqueologia do Saber, Vigiar e Punir e História da Sexualidade. Nestes livros, ele desenvolveu métodos arqueológicos e genealógicos que enfatizavam os jogos de poder na evolução do discurso na sociedade. Foucault morreu em Paris por conta de problemas neurológicos agravados por HIV/AIDS; ele foi a primeira figura pública francesa que morreu por causa desta doença, sendo que seu parceiro Daniel Defert criou a fundação da caridade AIDES em sua memória.

Foucault é conhecido pelas suas críticas às instituições sociais, especialmente à psiquiatria, à medicina, às prisões, e por suas ideias sobre a evolução da

história da sexualidade, suas teorias gerais relativas ao poder e à complexa relação entre poder e conhecimento, bem como por estudar a expressão do discurso em relação à história do pensamento ocidental. Têm sido amplamente discutidas a imagem da "morte do homem", anunciada em *As Palavras e Coisas*, e a ideia de subjetivação, reativada no interesse próprio de uma forma ainda problemática para a filosofia clássica do sujeito. Parece então que mais do que em análises da "identidade", por definição, estáticas e objetivadas, Foucault centra-se na vida e nos diferentes processos de subjetivação.

Se seu trabalho é muitas vezes descrito como pós-moderno ou pós-estruturalista por comentadores e críticos contemporâneos, ele foi mais frequentemente associado com o movimento estruturalista, especialmente nos primeiros anos após a publicação de *As Palavras e as Coisas*. Inicialmente aceitou a filiação; posteriormente, ele marcou a sua distância à abordagem estruturalista, explicando que ao contrário desta última, não tinha adaptado uma abordagem formalista. Ele aceitou não ver o rótulo de pós-modernista aplicado ao seu trabalho, dizendo que preferia discutir como se dá a definição de modernidade em si. Sua filiação intelectual pode estar relacionada ao modo como ele próprio definiu as funções do intelectual não garante certos valores, mas em questão de ver e dizer, seguindo um modelo de resposta intuitiva para o "intolerável".

As teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Os primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha pós-estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e a *História da Sexualidade*. Além desses livros, são publicadas hoje em dia transcrições de seus cursos realizados no Collège de France e inúmeras entrevistas, que auxiliam na introdução ao pensamento deste autor

Michel Foucault é mais conhecido por ter destacado as formas de certas práticas das instituições em relação aos indivíduos. Ele destacou a grande semelhança nos modos de tratamento dado ou infligidos aos grandes grupos de indivíduos que constituem os limites do grupo social: os loucos, prisioneiros, alguns grupos de estrangeiros, soldados e crianças. Ele acredita que, em última análise, eles têm em comum o fato de serem vistos com desconfiança e excluídos por uma regra em confinamento em instalações seguras, especializadas, construídas e organizadas em modelos semelhantes (asilos, presídios, quartéis, escolas), inspirados no modelo monástico; instalações que ele chamou de "instituições disciplinares".

Em 1971, Michel Foucault, Jean-Marie Domenach e Pierre Vidal-Naquet criaram um grupo chamado Groupe d'information sur les prisons, que tinha como objetivo investigar e trazer a público a situação do sistema penitenciário francês.

Na grande maioria das suas obras, Michel Foucault esforçou-se por se limitar a problemas concretos (a loucura, a prisão, a clínica psiquiátrica), num contexto geográfico e historicamente bem determinado (a França, a Europa ou o Ocidente; no fim do século XVIII, na Grécia antiga, dentre outros). No entanto, as suas observações permitem extrair conceitos que ultrapassam esses limites de tempo e espaço. Elas conservam, assim, uma grande atualidade. Por isso, muitos intelectuais - em várias áreas do conhecimento - podem se referir a Foucault atualmente. É, por exemplo, estudando a mutação das técnicas penais no final do século XVIII que ele pôde analisar a emergência de uma nova forma de subjetividade constituída pelo poder: o que se observa nas margens se constrói no centro.

Mas esse olhar histórico deve ser bem entendido. "A história, segundo Foucault nos cerca e nos delimita; ela não diz o que somos, mas do que estamos nos diferenciando; ela não estabelece nossa identidade, mas a dissipa em proveito do outro que somos. Em resumo, a história é o que nos separa de nós mesmos."

A ontologia de Foucault é uma experiência, um exercício sobre os limites do nosso presente, a experimentação dos nossos limites, a forma paciente da "nossa impaciência pela liberdade", o que explica o seu interesse pelo tema da relação de poder entre o institucional e o indivíduo - e por uma certa ideia da subjetivação. Esse poder funda a constituição de saberes e é, por sua vez, fundado por eles: é a noção de "saber-poder".

O Sujeito e o Poder

Recebido no desejo de conhecer a hipótese repressiva para explicar as mudanças de atitudes e comportamentos no campo da sexualidade, o ceticismo sobre a verdadeira extensão da liberação sexual, mas ainda atraídos pelos Estados Unidos (estada em Berkeley) e descobrindo novas formas relacionais que ele tem em suas últimas entrevistas, em relação à sua história de homossexualidade discutidos sexualidade (mas raramente a sua própria) e, mais genericamente, emocional e estabelecer tal seu nome, uma distinção entre o amor e a paixão que ele não teve tempo de explicar mais detalhadamente. O problema do desejo e objecto de controle são o cerne da questão da subjetividade desenvolvido pela então que alguns se permitem

chamar o "segundo" Foucault, o de "cuidado" de si (1984) emancipado o sistema disciplinar.

Foucault (1979) renega os modos tradicionais de analisar o poder e procura realizar suas análises não de forma dedutiva e sim indutiva, por isso passou a ter como objeto de análise não categorias superiores e abstratas de análise tal como questões do que é o poder, o que o origina e tantos outros elementos teóricos, voltando-se para elementos mais periféricos do sistema total, isto é, passou-se a interessar-se pelos locais onde a lei é efetivada realmente. Hospitais psiquiátricos, forças policiais, etc. são os locais preferidos do pensador para a compreensão das forças reais em ação e com quais devemos realmente nos preocupar, compreender e buscar renovar constantemente.

Segundo este pensamento, devemos compreender que a lei é uma verdade "construída" de acordo com as necessidades do poder, em suma, do sistema econômico vigente, sistema, atualmente, preocupado principalmente com a produção de mais-valia econômica e mais-valia cultural, tal como explicado por Guattari (1993). O poder em qualquer sociedade precisa de um delimitação formal, precisa ser justificado de forma abstrata o suficiente para que seja introjetado psicologicamente, a nível macrossocial, como uma verdade a priori, universal. Desta necessidade, desenvolvem-se as regras do direito, surgindo, portanto, os elementos necessários para a produção, transmissão e oficialização de "verdades". "O poder precisa da produção de discursos de verdade (p.180), como diria Foucault (1979). O poder não é fechado, ele estabelece relações múltiplas de poder, caracterizando e constituindo o corpo social e, para que não desmorone, necessita de uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento de um discurso sólido e convincente. "Somos obrigados pelo poder a produzir verdade", nos confessa o pensador, "somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou encontrá-la (...) Estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é a lei, e produz o discurso da verdade que decide, transmite e reproduz, pelo menos em parte, efeitos de poder (p.180)."

A filosofia de Foucault influenciou (como ele foi influenciado por) movimentos de protesto na França e no mundo anglo-saxão desde 1970 (o movimento antipsiquiatria de prisioneiros mediante o movimento feminista).[12]

Este vasto campo capas de Estudos de Gênero (Judith Butler, David Halperin, Leo Bersani) e análise da subjetivação da "minoridade" (Didier Eribon) na história do direito e arqueologia dos "outros" do Estado de bem-estar (François Ewald, Paolo de Nápoles) e / ou teorias sociais (sobre ética seu lado: Bruno Karsenti Mariapaola Fimiani) ou social (no seu lado político: Paul Rabinow, Eric Fassin), através da revisão da economia política (Giorgio Agamben, Antonio Negri, Judith Revel, Maurizio Lazzarato).

E, apesar de alguns mal-estar da sociologia, enquanto que o método permite que o sociólogo que visa a abordagem de Foucault concepção construtivista fundamental nesse sentido, como o indivíduo é criado no "social".

Normalmente quando se estrutura a árvore genealógica de uma família com poucas informações ela é representada por uma pequena árvore, quando os elementos são de maior proporção a sua feição torna-se mais complexa, pois os dados passam a ficar mais desarranjados; quando isso acontece a visualização melhora através de uma representação gráfica.

Uma árvore genealógica é de extrema importância para as famílias, pois por meio delas é possível ter conhecimento da ascendência familiar, da existência de títulos até então desconhecidos, sem dizer que futuramente, ela pode ser útil nos tratamentos de diversas anomalias e doenças genéticas, tais como adicção, gota, diabetes, etc.

Criar uma árvore genealógica é uma excelente maneira de ilustrar a história de sua família. Comece pesquisando a sua ascendência para descobrir quem deveria estar incluso, diagramando cada geração para criar a árvore genealógica completa. Você pode embelezá-la transformando-a em um trabalho digno de exibição artística ou simplesmente salvar a pesquisa de modo a sempre ter o histórico familiar à mão.

Escreva o nome das pessoas que você deseja incluir no diagrama. Uma árvore genealógica começa com você, ramificando a partir daí. Comece escrevendo os nomes das pessoas de sua família imediata, em seguida passando para a geração de seus pais. Assegure-se de não deixar ninguém de fora! A sua árvore genealógica será uma importante peça de história familiar e, por essa razão, é importante investir tempo na criação de um diagrama fiel.

Escreva o seu nome, os de seus irmãos e os de seus pais.

Escreva os nomes de seus avós, tias e tios e também os de seus primos.

Anote o nome de seus bisavós e tios-avôs.

Muitas pessoas param por aqui, mas você pode incluir quantas gerações desejar.

Complete as lacunas com um pouco de pesquisa. Pode começar a ficar difícil completar os nomes quando você chegar a gerações muito antigas. Em um

esforço para garantir que todos estejam incluídos e todos os nomes estejam corretos, faça pesquisas para uma revisão. Essa é uma excelente oportunidade de aprender mais sobre o histórico de sua família.

Converse com membros mais antigos de sua família para descobrir mais informações. Descubra os nomes dos irmãos de seus avós, seus cônjuges e seus filhos. Pergunte para descobrir tanto quanto for possível. Se você tiver sorte, terá a oportunidade de ouvir belas histórias familiares — e segredos, também.

Pesquise on-line com uma ferramenta genealógica. Há muitas ferramentas on-line que o permitem simplesmente inserir o próprio nome e os nomes de seus pais, fazendo toda a pesquisa em seu lugar. Essas páginas geralmente darão uma quantidade limitada de informações gratuitas, em seguida exigindo pagamento para uma busca mais aprofundada. Se você leva a sério o mapeamento de sua ancestralidade, essa é uma excelente forma de coletar informações.

Decida que outras informações você deseja destacar. Além de incluir os primeiros e últimos nomes de sua família, talvez queira listar suas datas de aniversário, óbito (se aplicável), casamento e assim por diante. Ter essas datas na árvore genealógica a fará ainda mais informativa como documento histórico de sua família. Além das datas, você poderia incluir as cidades natais ou a nacionalidade de seus parentes.

Decida se você deseja ou não incluir fotografias. Se você tem acesso a fotografias de seus ancestrais, pode incluir um pequeno retrato de cada pessoa. Essa opção é melhor para árvores genealógicas relativamente restritas, já que as imagens podem ocupar bastante espaço no diagrama final.

Se você tiver apenas algumas fotografias, pode somente incluir as de pessoas em sua família imediata.

Encontre fotografias do maior número possível de familiares. Se você deseja mantê-las todas no mesmo tamanho, digitalize-as para o seu computador e use o Photoshop ou outro programa de edição fotográfica para mudar a escala.

Comece com a sua geração. Essa é a base da árvore e ela inclui você e os seus pais e irmãos. A forma de seu diagrama será de sua própria escolha. Se você deseja que ele se ramifique verticalmente e aumente de tamanho no topo, como uma árvore, comece na base de uma grande folha de papel. Você pode ainda começar no lado esquerdo de uma folha de papel de modo que o diagrama seja fácil de ler da esquerda para a direita. Não importando qual

forma que você escolher para o diagrama, complete as seguintes informações para começar:

Escreva o seu nome.

Desenhe uma linha que vai do seu nome ao nome de sua mãe. Desenhe outra linha que vai do seu nome ao nome de seu pai. Agora, desenhe uma linha horizontal conectando a ambos.

Se você tem irmãos, desenhe linhas que vão de seus pais a eles.

Se os seus irmãos tiverem cônjuges, escreva seus nomes e conecte-os com linhas.

Se os seus irmãos tiverem filhos, escreva seus nomes e conecte-os com linhas.

Complete a geração de seus pais. Agora é o momento de completar a segunda geração — a de seus pais. Conecte cada casal com uma linha horizontal, e desenhe linhas que vão dos pais aos filhos.

Escreva os nomes de seus avós maternos acima do nome de sua mãe e os de seus avós paternos acima do nome de seu pai.

Conecte os nomes de seus avós maternos aos dos irmãos de sua mãe e os de seus avós paternos aos dos irmãos de seu pai.

Adicione os nomes dos cônjuges de suas tias e tios.

Adicione os nomes dos filhos de suas tias e tios — seus primos.

Diagrama a geração de seus avós. Se você tem uma família grande, o seu diagrama pode já ameaçar sair da folha de papel. Algumas pessoas param por aí, com ambos os grupos de avós servindo como a coroa de sua árvore genealógica. Se você quiser continuar o processo, é hora de incluir a geração de seus avós. Lembre-se de conectar casais com linhas horizontais e de desenhar linhas dos pais aos filhos.

Adicione os nomes da mãe e do pai de sua avó materna e os de seu avô materno. Eles são os seus bisavós.

Adicione os nomes da mãe e do pai de sua avó paterna e os de seu avô paterno. Eles são os seus bisavós.

Adicione os nomes dos irmãos de seus avós maternos — tias-avós e tios-avôs.

Adicione os nomes dos irmãos de seus avós paternos — tias-avós e tios-avôs.

Complete os nomes dos cônjuges e dos filhos de suas tias-avós e de seus tios-avôs.

Qual será a profundidade do seu trabalho? Se você estiver gostando da experiência de pesquisar a história de sua família, continue a alcançar tempos mais remotos. Não há limite para o tamanho potencial de seu diagrama, em especial quando se trata de uma árvore genealógica digital.

O Filósofo francês, Michel Foucault é conhecido por suas teorias acerca da relação entre poder e conhecimento, e como estes são usados para o controle social através das instituições. Iniciou seu trabalho com uma aproximação do movimento teórico em antropologia social conhecido como estruturalismo, do qual veio a se distanciar mais tarde, que lhe rendeu o desenvolvimento de uma técnica historiográfica própria, a qual chamou "arqueologia".

Foucault procurou colocar sua posição filosófica em prática, tornando-se membro ativo de diversos grupos envolvendo campanhas anti-racismo, anti-abusos de direitos humanos e lutas por reformas do sistema penal. Entre seus trabalhos mais relevantes estão A Arqueologia do Conhecimento, Vigiar e Punir, e História da Sexualidade, nos quais desenvolveu seus métodos arqueológicos e genealógicos de leitura histórica, através dos quais enfatizava o papel do poder na evolução do discurso em sociedade.

De acordo com o filósofo americano Philip Stokes, de forma geral, o trabalho de Foucault é obscuro e pessimista, mas permite algum espaço para o otimismo, na medida em que ilustra como a filosofia pode nos auxiliar a enxergar áreas de dominação. Stokes afirma ainda que, ao enxergarmos estas áreas com maior clareza nós somos capazes de entender como somos dominados e conceber estruturas sociais que minimizem o risco da dominação. Em todos estes desenvolvimentos, de acordo com a forma como Stokes vê a filosofia de Foucault, deve imperar a atenção aos detalhes, são os detalhes que individualizam as pessoas.

Posteriormente Foucault defendeu que o seu trabalho tratava de caracterizar os diferentes modos pelos quais a sociedade expressa o uso do poder para objetificar os sujeitos. Diferindo de interpretações gerais que entendiam seu trabalho como uma tentativa de analisar o poder como um fenômeno. O ponto que subjaz todo o trabalho de Foucault é a relação entre poder e conhecimento. O autor procurava entender como o conhecimento é usado para controlar e definir o poder. Esta pesquisa tomou três formas específicas:

A autoridade científica que classifica e ordena o conhecimento acerca das populações humanas.

A categorização dos sujeitos humanos em padrões normativos, identificando elementos como problemas mentais, características físicas e doenças.

Uma tentativa de compreender como o impulso de padronizar a identidade sexual acaba por ser uma espécie de treinamento de rotinas e práticas que levam a reprodução dos padrões estabelecidos na sociedade da qual o sujeito faz parte.

A conexão entre estes três itens está na afirmação de que, aquilo que a autoridade afirma ser conhecimento científico seria na verdade uma forma de controle social. Foucault defende que não há conhecimento científico genuíno e que, por exemplo, a loucura seria meramente uma classificação para marginalizar sujeitos indesejados pelo padrão da sociedade.

Passo 1: Decida o Que Você Quer Encontrar

Há muitas maneiras de abordar a história da família. É a sua família e é você quem decide o que deseja descobrir. Talvez você queira encontrar em sua árvore familiar quem foi o primeiro a chegar ao Brasil. Talvez você queira saber se realmente um antepassado seu lutou na Guerra do Paraguai. Talvez você tenha a curiosidade de saber a origem de seus antepassados.

Decidir o que você quer encontrar vai ajudá-lo a concentrar-se e ser mais produtivo.

Dica: Trabalhe do conhecido para o desconhecido. Por exemplo, se você está tentando provar a lenda familiar de que você descende de Pedro Álvares Cabral, comece de você para trás. Não comece com Pedro Álvares Cabral em diante; você vai frustrar-se com falsos inícios e caminhos infrutíferos.

Passo 2: Explore o que Você Já Possui

Por mais tentador que seja ficar online e começar a procurar antepassados imediatamente, explore o que você já tem. Converse com seus familiares. Sua avó ou sua tia-avó pode possuir informações valiosas. Abra os álbuns de fotografia e as caixas de recordações. Cartas antigas, diários e fotos podem ser minas de ouro.

Quando se trata de histórias de família e informações que conseguir com familiares, lembre-se de que não precisam ser totalmente precisas. Detalhes são esquecidos; fatos se confundem. (A história que minha avó me contou de que somos parentes de Brigham Young não é correta, mas temos Youngs na árvore familiar. Essa é a pequena parte da história que estava correta.) Use as histórias e entrevistas como pistas e as confirme com mais pesquisas.

Passo 3: Comece a Pesquisar

Esta é a parte mais divertida. (Sim, todas as partes são divertidas. Mas essa é a parte mais divertida). Acredite, isso não vai ser como lembrar das noites de sono perdidas tentando terminar um trabalho de escola. A história da família é algo diferente. Sim, você vai olhar os registros e decidir como (ou se) eles se encaixam. Mas é muito mais agradável quando você está procurando seus antepassados e suas histórias. Você vai sentir uma conexão com o que você encontrar, não apenas buscar fontes o suficiente para tirar boas notas.

À medida que partir do conhecido para o desconhecido, você constrói ligações para cada pessoa. Você precisará considerar mais do que apenas o nome da pessoa. Um de meus antepassados se chamava George Debolt, que é um nome muito incomum. Mas você ficaria surpreso quantos George Debolts existem.

Use outros fatos sobre o seu antepassado para ajudá-lo a saber se é a pessoa certa no registro que você está olhando. O meu George Debolt nasceu em 1786, no estado da Pensilvânia. Quando encontrei uma certidão de óbito de um George Debolt em Indiana, eu sabia que ele não era quem eu estava procurando, porque esse George nasceu em 1845 em Ohio. O nome foi o mesmo, mas os outros fatos não eram parecidos.

Passo 4: Organize e Compartilhe o que Encontrou

Você precisará de uma maneira de manter um registro de tudo o que descobriu. Duas das formas básicas que são usadas em genealogia são o gráfico de antepassados (às vezes chamado de gráfico de linhagem) e a folha de grupo familiar. Se você escolher usar um programa de genealogia, ele pode gerar os relatórios para você.

Passo 5: Retorne ao Passo 1

Sempre há algo novo para saber sobre a sua história da família. À medida que for avançando, você provavelmente descobrirá algo que deseja saber mais. Ao procurar algo novo, o processo se repete — decidir o que você deseja encontrar, examinar o que você tem, pesquisar e organizar.

A pesquisa de genealogia nunca acaba, no bom sentido! Ao encontrar uma pessoa, uma nova pergunta é feita imediatamente: “Quem são os pais?” Ela também dá acesso a oportunidades de explorar novos locais e períodos de tempo. Constrói conexões, não apenas entre você e seus antepassados, mas

entre você e o passado e, em um sentido real, você mesmo e o mundo ao seu redor. Desfrute desse processo.

A família é a nossa primeira experiência de vida em comunidade. Vivemos junto com ela e aprendemos a nos relacionar com outras pessoas.

As famílias de antigamente eram bastante numerosas, pois as mulheres tinham muitos filhos. Com o passar do tempo, a quantidade de filhos foi diminuindo por diversos fatores.

As famílias não são iguais, cada uma possui a sua própria formação e o seu jeito de organização. Existem famílias em que os pais moram juntos com os filhos, em outras os pais são separados, e os filhos moram com um deles. Outras famílias são formadas por avós e netos, ou até mesmo crianças que vivem com os tios ou qualquer outro parente. Todas essas pessoas fazem parte da mesma família. Nem sempre residem próximas, os membros de uma família podem viver em lugares bem distantes, mas o mais importante é manter o elo de respeito, de amizade e de carinho.

Em razão da colonização do nosso país, temos uma grande diversidade na origem das famílias. Em nosso país, as famílias brasileiras apresentam características próprias e maneiras de se organizar bem diferentes. Nossos povos são de diferentes origens como indígenas, africanos, portugueses, espanhóis, alemães e muitos outros povos. As tradições e costumes de uma família são passados de geração para geração.

Razão e Desrazão

Tomadas de Decisão reflete a intersecção de três desenvolvimentos teóricos principais: Utilidade Esperada, Heurísticas e Desvios e Intuição Holística. As relações entre estes não são clarividentes, nem estão estabelecidas na literatura sobre o assunto, sobretudo porque algumas das tendências em jogo ainda são muito novas. Meu objetivo é contribuir para o suprimento desta lacuna, oferecendo uma visão geral do campo, particularmente sensível às demandas epistemológicas às quais cada novo desenvolvimento respondeu e às limitações destas respostas. De especial interesse é o fato de que isto irá habilitar o leitor a compreender os fundamentos do novo conceito de intuição decisional que desponta e a se posicionar criticamente em relação ao mesmo.

"A loucura estava inscrita no mundo, fazendo parte de suas paisagens, sejam estas reais, imaginárias ou simbólicas. A experiência da loucura se inscrevia nos rituais comunitários, estabelecendo-se, pois, um diálogo vigoroso com o mundo. No imaginário estético de então, seja literário, seja este oriundo das artes plásticas, a loucura era um espaço oracular de enunciação da verdade. Tudo isso constituiu o que Foucault chamou de experiência trágica da loucura. Foi esta então que foi sendo progressivamente desqualificada com o surgimento da experiência crítica da loucura, que constituiu paulatinamente uma outra tradição na qual a razão como Outro se instituiu como o operador fundamental contra a desrazão. Com isso, inscrita no território escatológico da desrazão, a loucura passou a perder não só o seu poder de dizer a verdade, mas também de dizer enquanto tal, já que esse poder passou a ser regulado pela razão.

Nesse contexto, em que a experiência trágica da loucura passou a ser inserida apenas no território obscuro da desrazão, a loucura continuou a ser plasmada em prosa, verso e cores nas tradições literária e estética, amputada e desvalorizada que foi do seu poder de dizer no registro da razão. Em contrapartida, a experiência crítica, definindo agora a hegemonia assumida pelo território da razão, colocou progressivamente a loucura como sendo sempre suspeita e inscrita nos limites do inaudível. A loucura foi então definitivamente dessacralizada, marca eloquente que ela ainda tinha no Renascimento e que era oriunda da antiguidade. Essa perda do traço do sagrado implicou o esvaziamento do seu poder oracular, isto é, do seu potencial de dizer qualquer coisa, de enunciar o verdadeiro. Enfim, a constituição da psiquiatria no século XIX, como um saber específico sobre a loucura foi o coroamento da dita tradição crítica e de domínio inquestionável da razão sobre a desrazão."

A desconstrução que Foucault opera do conceito histórico de continuidade encontra-se assim profundamente ligada à negação da crença moderna nos poderes de uma consciência soberana e constituinte: Libertar a história do pensamento da sua sujeição transcendental. (...) Tratava-se de analisar tal história numa descontinuidade que nenhuma teleologia reduziria antecipadamente. (...) De deixá-la desenrolar num anonimato a que nenhuma constituição transcendental imporia a forma do sujeito

Abrigada na «actividade sintética do sujeito»¹¹ que unificaria a dispersão discursiva, a «história das ideias» podia descrever «continuidades obscuras»¹² entre diferentes discursos, garantindo entre eles uma «transição contínua e insensível»¹³. Negar tal continuidade implicava abandonar o Homem a um devir desconcertante, recusar-lhe o reencontro na história da sua própria

identidade, confrontá-lo afinal com uma racionalidade que, inserida na contingência histórica, passaria a ser mais fundada do que fundadora. Com efeito, «fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda a prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento»¹⁴. A recusa de uma história continuista do saber implicava assim a queda da crença tão reconfortante na soberania de uma consciência absoluta à maneira cartesiana, fundadora das suas representações, capaz de conhecer e produzir saber apenas a partir de intuições claras e distintas, abrigada num solipsismo incorruptível pela contingência histórica: Se a história do pensamento pudesse permanecer como o lugar das continuidades ininterruptas (...), seria um abrigo privilegiado para a soberania da consciência. A história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito

Neste sentido, vemos quão difícil seria apresentar uma leitura descontinuista do saber, pois tal implicava a problematização de uma imagem de razão aceite pelo pensamento filosófico ocidental desde Platão até Hegel. Foi essa contudo a tarefa arriscada que Foucault se propôs concretizar, lutando contra todas as denúncias que, apontando o uso das categorias da descontinuidade e da diferença como um atentado ao fundamento de toda a História, apenas lhe surgiam como uma tentativa camuflada de garantir uma forma específica de história, uma história referida à actividade unificadora do sujeito. Foucault abandonará o conforto dessa história transformada em «último lugar do pensamento antropológico»¹, tomando como empresa de L'Archéologie du savoir «medir as mutações que se operam em geral no domínio da história; empresa onde são postos em questão os métodos, os limites, os temas próprios à história das ideias; empresa pela qual se tenta desfazer as últimas sujeições antropológicas»

Na apresentação de uma história do saber liberta da tirania de uma consciência fundacional, encontramos um Foucault profundamente influenciado pela filosofia de Nietzsche à qual o arqueólogo atribui o mérito de ter conseguido apresentar «uma análise histórica do nascimento de um certo tipo de saber, sem nunca admitir a pré-existência de um sujeito de conhecimento».

A importância de Nietzsche no pensamento de Foucault em geral e na sua concepção de história, em particular, é aliás explicitamente assumida pelo filósofo: É possível, e talvez mais honesto, citar apenas um nome, o de Nietzsche, pois o que aqui digo só tem sentido se relacionado com a obra de Nietzsche que me parece ser, entre os modelos de que podemos lançar mão para as pesquisas que me proponho realizar, o melhor, o mais eficaz e actual

Em vários momentos, Foucault utilizará um tom igualmente severo ao se referir a essa rejeição de seus trabalhos que, conta ele, só depois de 1968 ganhariam crédito¹. Em 1974, reafirmando o mesmo silêncio a respeito de História da

loucura e O nascimento da clínica, chegaria a dizer que a política é que, na verdade, viera até seu pensar. (FOUCAULT, 2001a, p.1392). De todo modo, se trago o pensamento de Foucault diante de uma dada incompreensão ou silêncio sobre o campo político que ele faz surgir, não afirmo, com isso, que se trata de referir uma novidade filosófica a certo gênio foucaultiano de oposição a uma época. O que pretendo acenar, então, com esta rejeição autodeclarada de Foucault?

A respeito da recepção dos seus primeiros trabalhos, devo remeter esta competência ao balanço que Eribon realiza segundo o qual tais trabalhos, sobretudo História da loucura, foram tão atacados quando acolhidos, sem deixar de acenar que Foucault criara, por assim dizer, à sa manière, e só anos depois da publicação de História da loucura, este sentimento de “ignorado e negligenciado” (ERIBON, 1996, p.100). Se, por exemplo, Sartre e Beauvoir repreenderam inflexivelmente As palavras e as coisas, e entraram para o desafeto foucaultiano, levantando a pecha de negar a história, Braudel e Mandrou já tinham se colocado a ler a novidade arqueológica com a publicação de História da loucura, publicando em 1962, nos Annales, uma resenha e uma nota altamente elogiosa ao livro (ERIBON, 1996, p.100-110). Como não é meu interesse estudar estes dados de recepção nos seus detalhes, o que pressuporia, aliás, um longo trabalho de arquivo já em grande parte realizado por Eribon, vale apostar em outra frente.

Mas de que ação política se trata e que está implicada no discurso? Fazemos ouvidos de mercador ao dedo em riste sobre os que apontam a recaída foucaultiana em um idealismo discursivo na qual a práxis se suspenderia. Aqui é preciso estar garantido de que, como sugere Eribon (1995, p.211, nota 32), o pensamento de Foucault nunca definirá uma ideia de política senão que ele procede de modo a ampliar a ideia de política pela interrogação constante de suas categorias estabelecidas. A consequência que se deve considerar desde aqui é não perguntar qual prática política envolve a arqueologia, mas, sendo uma história interrogativa, que avaliação pode ela fazer das transformações no modo de existência das formações discursivas.

A ideia de uma arqueologia política do saber é, com efeito, a consideração de tal empreendimento no contexto mesmo das histórias arqueológicas praticadas por Foucault: histórias dos discursos estabelecidas como um diagnóstico político singular à medida que Foucault se propõe ao ambicioso objetivo de determinar como se jogam os discursos em seus diferentes arquivos segundo práticas discursivas e não-discursivas

Heredograma

Os heredogramas são gráficos utilizados em Genética para expor a genealogia ou pedigree de um indivíduo ou de uma família. Através de símbolos e sinais convencionais são caracterizados todos os integrantes da linhagem sobre a qual se questiona alguma coisa.

Os sinais mais corretamente usados nos problemas com heredogramas são:

Indivíduos do sexo masculino são representados por um quadrado;

Indivíduos do sexo feminino são representados por um círculo;

Casamento indicando procriação é simbolizado por um traço horizontal que une os dois membros do casal;

Filhos do mesmo casamento são representados por traços verticais unidos ao traço horizontal do casal;

Indivíduos de sexo indefinido são representados por um losango;

Indivíduos afetados por alguma anomalia são representados pelo símbolo que caracteriza seu sexo, preenchidos;

No caso de acasalamento consanguíneo, os membros do casal são unidos por dois traços horizontais;

A montagem de um heredograma deve ser de acordo com algumas regras:

O homem deve vir à esquerda do casal e a mulher à direita sempre que possível;

Os filhos devem ser colocados da direita para a esquerda, em ordem de nascimento;

Cada geração seguinte é indicada por algarismos romanos (I, II, III, e assim por diante). Dentro de cada geração, os indivíduos são indicados por algarismos arábicos, sempre da esquerda para a direita.

Na interpretação de um heredograma, a primeira informação que se procurar saber é se o caráter em questão é condicionado por um gene dominante ou recessivo. Deste modo, deve ser procurado no heredograma casais fenotipicamente idênticos e que tiverem um ou mais filhos diferente deles. Caso a característica não tenha se manifestado em nenhum dos membros do casal e manifestou-se no filho, significa que esta característica só pode ser determinada por um gene recessivo. Depois que identificado o gene dominante e o gene recessivo, deve ser identificado o homocigoto recessivo, pois todos eles manifestam o caráter recessivo. Em seguida, identifica-se os genótipos dos outros indivíduos, sendo importante saber de dois pontos:

Em um par de genes alelos, um provém do pai e o outro da mãe. Caso o indivíduo seja homocigoto recessivo, ele recebeu um gene recessivo de cada ancestral;

Caso o indivíduo seja homocigoto dominante, ele passa este gene para todos os seus descendentes.

Construir um heredograma consiste em representar, usando símbolos, as relações de parentesco entre os indivíduos de uma família. Cada indivíduo é representado por um símbolo que indica as suas características particulares e sua relação de parentesco com os demais.

Indivíduos do sexo masculino são representados por um quadrado, e os do sexo feminino, por um círculo. O casamento, no sentido biológico de procriação, é indicado por um traço horizontal que une os dois membros do casal. Os filhos de um casamento são representados por traços verticais unidos ao traço horizontal do casal.



A montagem de um heredograma obedece a algumas regras:

1ª) Em cada casal, o homem deve ser colocado à esquerda, e a mulher à direita, sempre que for possível.

2ª) Os filhos devem ser colocados em ordem de nascimento, da esquerda para a direita.

3ª) Cada geração que se sucede é indicada por algarismos romanos (I, II, III, etc.). Dentro de cada geração, os indivíduos são indicados por algarismos arábicos, da esquerda para a direita. Outra possibilidade é se indicar todos os indivíduos de um heredograma por algarismos arábicos, começando-se pelo primeiro da esquerda, da primeira geração.

Uma vez que se descobriu qual é o gene dominante e qual é o recessivo, vamos agora localizar os homozigotos recessivos, porque todos eles manifestam o caráter recessivo. Depois disso, podemos começar a descobrir os genótipos das outras pessoas. Devemos nos lembrar de duas coisas:

1ª) Em um par de genes alelos, um veio do pai e o outro veio da mãe. Se um indivíduo é homozigoto recessivo, ele deve ter recebido um gene recessivo de cada ancestral.

2ª) Se um indivíduo é homozigoto recessivo, ele envia o gene recessivo para todos os seus filhos. Dessa forma, como em um “quebra-cabeças”, os outros genótipos vão sendo descobertos. Todos os genótipos devem ser indicados, mesmo que na sua forma parcial (A_, por exemplo).

Os sobrenomes ou nomes de família, surgiram para identificação das pessoas do povo durante a baixa Idade Média. Anteriormente, só eram utilizados pelos reis e nobres. Para reproduzir os hábitos de personagens importantes, ou, simplesmente, para buscar diferenciação numa época de grande expansão demográfica, os homens mais comuns passaram a utilizar como sobrenomes as designações de seus ofícios ou habilidades, de seus lugares, de suas condições sócio-econômicas, de plantas ou animais, adotando, enfim, as mais variadas nomeações que os identificassem.

Muito além de mera designação, o sobrenome é um patrimônio da família, marca exclusiva que representa toda uma linhagem, nomeação que se estende por gerações e gerações, identificando características físicas e comportamentos semelhantes. Entretanto, a descendência não se limita ao plano genético, mas se desenvolve no campo histórico. Nesse sentido, a recomposição das linhagens, ilustrada por árvores genealógicas com nomes e datas, tão útil na esquematização das pesquisas, não se apresenta como registro muito esclarecedor.

A história de família, percorrendo os marcos dos sobrenomes, abrange necessariamente os cenários e as circunstâncias nos quais viveram os personagens, enfrentando seus desafios e assumindo suas venturas. A reconstrução histórica da formação familiar conduz, portanto, a interpretações

capazes de estabelecer uma ponte entre o passado e o presente, entre os ancestrais e seus descendentes, revelando-se como a maior homenagem que se pode prestar aos antepassados.

A genealogia estuda as origens das famílias, descreve as gerações das pessoas que as compõem.

A pesquisa genealógica deve ser iniciada consultando-se os parentes : pai, mãe, irmãos, avós, tios, primos, colhendo todas as informações necessárias, tipo : nomes, apelidos, data e local de nascimento, casamento, falecimento, batizado, nomes dos pais, avós, tios, irmãos, padrinhos, testemunhas, noivos, padres, comentários, casos interessantes, recortes de jornais, retratos, documentos (C.I., C.P.F., título de eleitor, etc) certidões (nascimento, casamento, etc), cartas, revistas, almanaques, fatos históricos, fotos, etc.

Esgotando essa fonte de informação, partimos para profissões (sindicatos de classes, juntas de comércio, repartições públicas, ministérios militares), escolas, faculdades, irmandades religiosas e santa casas, documentos que podem ser adquiridos em arquivo público, igrejas e cúrias (batismos e casamentos), cartórios (nascimentos, casamentos, falecimentos, escrituras de terras, testamentos e inventários), lista telefônica, instituto histórico, museu, arquivo público (processos de entrada no país na época do império se depois, no Ministério da Justiça), capitania dos portos e aeroportos (imigração, expedição, deportação, migração, viagens, passaportes, etc), bibliotecas (livros de genealogia, história, livros de história local, etc), cemitérios, e, por fim, a internet, em diversos sites e listas de discussão (veja lista no final desta obra). Não esquecer que as mulheres podem estar com o nome de solteira (procurar sempre anotar o de solteira). Pode ser solicitado também, no CHF – Centro de História da Família (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias), microfimes de várias certidões de nascimentos, batismos, casamentos e óbitos, para consulta. Escrever aos parentes distantes também é uma boa prática e, se possível, mande um formulário a ser preenchido, para ordenar o trabalho.

Existem basicamente dois tipos de árvores genealógicas :

1.a de ascendentes ou de costados, formada pelos antepassados (pais, avós, bisavós) de um indivíduo. O indivíduo base chama-se probandus. Parte da data mais recente e vai até a mais antiga. Árvore particular de um indivíduo. É geométrica e racional, porque para cada filho há dois pais, quatro avós, oito bisavós, dezesseis trisavós e assim por diante. A cada geração que recua temos o dobro de antepassados, com raras exceções, e;

2.a de descendentes ou de geração, formada pelos filhos, netos, bisnetos, de um indivíduo. Parte da data mais antiga até a mais recente. Árvore coletiva de vários indivíduos que tem um ancestral em comum. É orgânica e aleatória, pois cada casal terá um número aleatório de filhos.

Somente a árvore genealógica não lhe dará direito a dupla cidadania, mas possibilitará visualizar a quantidade de documentos originais que deverá fornecer para o caso de entrar com processo em algum consulado.

Em primeiro lugar, coloque as informações sobre a pessoa que será o início da árvore: você, seu filho, seu neto, um amigo, etc. Nome completo, data de nascimento, data de casamento.

Em seguida coloque as informações sobre os pais desta pessoa: Nome completo, data de nascimento, data de casamento, e se houver, data de falecimento.

Pai e Mãe desta pessoa tem um pai e uma mãe, que são os avós. Preencha também, com o máximo de dados que possuir: Nome completo, data de nascimento, data de casamento, e se houver, data de falecimento. Serão 4 avós.

Os avós desta pessoa tem bisavós. Faça o mesmo. Provavelmente, a partir desta etapa de sua árvore, você precisará recorrer a documentação de cartório. Caso precise de ajuda para a pesquisa, contrate um profissional, mas é possível pesquisar por cartórios online ou sites de genealogia online.

Pronto. A sua árvore genealógica em traços básicos está pronta. Agora é só transformá-la em um belo quadro.

Genealogia se refere ao conhecimento dos registros da mais importante criação de Deus: o ser humano. E os homens e as mulheres podem se tornar cada vez mais humanos, quanto mais aprimoram a sua própria cultura. E genealogia é cultura.

A genealogia é uma ciência nobre voltada para a pesquisa da história das famílias – linhagem ou estirpe.

Fazendo a sua genealogia, você terá muitas surpresas. Encontrará, entre seus antepassados, heróis e vilões. Descobrirá muitas histórias surpreendentes, algumas engraçadas, e outras trágicas. E, o que é mais importante, através do conhecimento da personalidade de seus antepassados, você passará a conhecer melhor a si próprio!

Pesquisa Genealógica

Quando você começar a fazer a pesquisa de sua família, você ficará assombrado com a memória dos seus parentes idosos, os quais se lembram de fatos ocorridos há 60, 70, 80 anos passados, com grande riqueza de detalhes. E como um bom aprendiz de genealogista, registre tudo.

Anote ou grave em áudio, vídeo e fotos, o máximo que você puder quando conversar com algum parente seu sobre a genealogia de sua família. Nunca confie em sua memória: ela pode falhar ou confundí-lo, principalmente em se tratando de datas. Registre tudo.

Livro da Família não é para você escrever histórias, mas para colocar seus dados biográficos. Para escrever as histórias mais marcantes de sua vida, arrume outro caderno, separado do Livro de Genealogia, e faça um Diário. Num Diário, sim, é um lugar ideal para se escrever tudo de realmente importante que lhe aconteceu, e acontece de importante em sua vida. Você se casou? Escreva resumidamente seus sentimentos. Se formou? Escreva. Sofreu um acidente? Escreva. Teve um filho? Escreva sobre isso e suas emoções a respeito.

Um Diário (mesmo que você só escreva quando acontece algo que você considere bem importante) será um livro de histórias que se tornará uma bênção para você e para seus descendentes.

Não escreva coisas secretas, pois o Livro da Família e o Diário são para serem lido pelos outros. Escreva coisas que edifiquem, coisas que possam ajudar todo mundo no futuro.

Voltando ao Livro da Família: Terminou de escrever sobre você? Ótimo. Se quiser, cole uma foto sua no canto da folha. Agora, para cada parente seu, seja seu pai, mãe, avô, tio, bisavô, filho (se tiver), primo, etc, FAÇA UMA FOLHA PARA CADA UM, assim como fez para você. Escreva as coisas que já sabe sobre eles e depois, com pesquisa, você irá completando os dados.

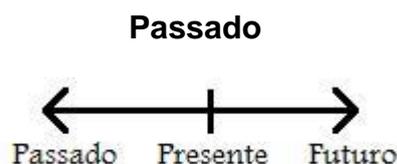


Imagem representativa da visão do tempo

O passado é uma parte do tempo e refere-se a todo e qualquer acontecimento em período de tempo anterior ao presente, sendo objeto da história, que identifica e classifica os eventos verificados.

O passado é contrastado com o presente. Está relacionado com um aglomerado de eventos que aconteceram num certo ponto do tempo, dentro do contínuo do espaço-tempo. A concepção acima descrita está relacionada com a teoria da relatividade de Albert Einstein. O passado é o objecto de vários campos como, por exemplo, a história, arqueologia, cronologia, geologia (geologia histórica), linguística histórica, direito, paleontologia e cosmologia.

Os humanos gravaram o passado desde tempos longínquos e uma das características dos seres humanos é que eles conseguem gravar o passado, recordá-lo, mencioná-lo e confrontá-lo com o estado actual das coisas, assim conseguindo planear o futuro e teorizá-lo também.

Teorias do passado

Teorias científicas (relacionadas aos buracos negros e à velocidade da luz) ou ficção científica (viagem no tempo) supõem que se pode modificar o passado, ou que a ele se retorne numa viagem do tempo. Mas o conhecimento atual acredita que o passado é tudo o que já passou, não sendo repetível, nem modificável. Dele pode ter-se uma visão tida pela memória, ou uma visão material (gravações em películas ou em fotografias) ou da luz antiga alcançada pela rota das distâncias no espaço.

Passado próximo e remoto

O passado pode ser remoto (evento muito distante), próximo (evento aconteceu recentemente), conectado completamente ao presente. Se a distância do tempo é reduzida ao segundo, este presente já passou.

O Passado e o homem

O que aconteceu no passado, é de nosso conhecimento pela informação passada pelo conhecimento humano através da escrita.

A distância notável, determina a perda de conhecimento de eventos distantes, na realidade, o passado tem esta característica: além de não ser modificável, quando seu conhecimento é muito distante, perde-se.

O passado aconteceu antes da escrita, é dificilmente reconhecível e a ciência mexe em campos diferentes para descobrir seus conteúdos. Uma das perguntas que o homem procura em seu passado é sua própria origem e quanto ao nascimento do universo; as teorias múltiplas não oferecem certezas e a origem do homem permanece um mistério. O ser conectado a fatores físicos, substâncias químicas, espaço e tempestades determinaram nosso presente e a única certeza que temos é que os fatos dados decorrem de tudo que aconteceu antes.

Pela escrita, o homem preserva um conhecimento discreto do passado. A história do homem e o mundo relata a respeito de uma raça animal inteligente que dominou o planeta terra. O presente planetário foi causado e determinado pelas ações passadas da humanidade, além das erosões, dos envelhecimentos e dos movimentos da terra. O presente universal é causado e determinado pelo movimento cósmico.

Família

Designa-se por família o conjunto de pessoas que possuem grau de parentesco entre si e vivem na mesma casa formando um lar.

Uma família tradicional é normalmente formada pelo pai e mãe, unidos por matrimônio ou união de fato, e por um ou mais filhos, compondo uma família nuclear ou elementar.

A família é considerada uma instituição responsável por promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento dos mesmos no meio social. O papel da família no desenvolvimento de cada indivíduo é de fundamental importância. É no seio familiar que são transmitidos os valores morais e sociais que servirão de base para o processo de socialização da criança, bem como as tradições e os costumes perpetuados através de gerações.

O ambiente familiar é um local onde deve existir harmonia, afetos, proteção e todo o tipo de apoio necessário na resolução de conflitos ou problemas de algum dos membros. As relações de confiança, segurança, conforto e bem-estar proporcionam a unidade familiar.

A genealogia da moral de Nietzsche

Todas as questões levantadas pelo homem da época de Nietzsche, principalmente os psicólogos ingleses, não levam a nada, não trazem a origem do bem e do mal. O que importa, na psicologia nietzschiana, é a busca da verdade de uma forma imparcial, conforme ele mesmo escreve no primeiro ensaio da obra: "(...) desejo que seja exatamente o contrário; desejo que estes investigadores, que estudam a alma ao microscópio, sejam criaturas generosas e dignas, que saibam refrear o coração e sacrificar os seus desejos à verdade (...) ainda que simples, suja, repugnante, anticristã e imortal... porque tais verdades existem". O intuito de Nietzsche, contudo, é a construção de uma História da Moral.

Essa genealogia é uma crítica ao elemento de afirmação pelo qual se move o pensamento de Nietzsche. Apresenta um início diferenciado, que vai além de afirmar a perda de um referencial (Deus), mas que chega até a afirmação de uma diferença que se origina nas forças ativas e nas forças reativas.

Duas aplicações para que a Moral tenha se originado: por aquilo que é útil: "as ações altruístas foram louvadas e reputadas boas por aqueles a quem eram 'úteis'". Entretanto, a origem de tais ações acaba por ser esquecida, adquirindo ações altruístas através do costume da linguagem, como se as coisas fossem boas em si mesmas. Essa é a segunda aplicação. Para Nietzsche não há nada que seja bom em si mesmo. Dessa maneira, o filósofo faz um corte com os universais, com a metafísica e com o cristianismo.

Como filólogo que é, Nietzsche faz uma análise morfológica da palavra alemã schlecht (mau). Em seus estudos, ele descobre que esta palavra é idêntica à schlicht (simples). Daí, ele chega ao schlichtsweg (simplesmente) e schlechterding (absolutamente), o que traz, desde suas origens, a função de designar o homem simples, plebeu. Tudo isso para provar que as palavras nascem dentro das circunstâncias. Isso revela que a classe dominante acabou associando a classe plebéia ao conceito daquilo que é mau, o oposto, a antítese da classe nobre. Por isso, os homens que se sentem e são privilegiados (classe nobre) é quem espelham o conceito de 'bom'.

Ainda em sua análise morfológica, Nietzsche, baseado no latim, faz uma outra analogia com a palavra malus, relacionada com melas (negro) e usada para designar o homem plebeu, de cor morena e de cabelos pretos (hic niger est). O "bom", o "nobre", o "puro" é o de cabelos loiros. Isso faz oposição com o indivíduo de cabelos negros. Com isso, a conceituação ganha um caráter estritamente político, que passa para um conceito agora psicológico.

Com sua obra, Nietzsche não só demonstra um gênio perturbado com as relações dos homens, mas também nos perturba, levando-nos a questionar os laços relacionais que todos temos. O intuito da obra é o de despertar o leitor

para uma reflexão e uma ação mais consciente da realidade. Os valores necessitam ser repensados.

Para repensar os valores, é preciso que encontremos, agora, conceitos extremamente imparciais, desligando-nos de qualquer tipo de moral que aprisione. As morais baseadas em conceitos metafísicos tendem ao nada. Os valores tendem a se deteriorar e surgirem novos valores.

A proposta nietzschiana de um ideal ascético, um asceticismo diferente do propagado pelos padres, é aquele que coloca o homem no centro. A finalidade desse ideal está nas ações humanas que se baseiam tão somente nas suas relações, não mais com a 'vontade divina'. Essa proposta de Nietzsche é radical. Traz uma mudança essencial das tendências que nos leva a uma antítese.

A salvação deve ser procurada em outra parte. A obra, quando já elaborada, não necessita do artista para ser tomada a sério. Por isso, o filósofo nos leva às origens da Moral, para, dali, partirmos para novos valores. Sem isso, o homem estará fadado a sempre encontrar o fracasso, os valores perdendo seus sentidos (nihilismo), já que o ser humano transita entre os valores de acordo com suas necessidades.

Nietzsche nos abre os olhos da razão e dos sentimentos para algo mais chão, mais próximo da realidade humana. Resgatar as origens da moral do homem é resgatar a ele próprio, colocando-o em sua dignidade de igualdade. As classes existentes apenas distanciam os homens uns dos outros. Parece até mesmo que Nietzsche pressentia, ou intuía, toda a sociedade contemporânea em que vivemos. Dia após dia, o homem vai se tornando mais solitário, mais fechado em seu mundo individual, perdendo valores, esvaziando-se. Nisso tudo, cada vez mais se perde o sentido da vida, a finalidade das coisas. Tudo é efêmero, transitório. É a humanidade destruindo a própria humanidade.

Desde crianças, adoramos os super-heróis. Torcemos por eles e esperamos que derrotem os vilões. São narrativas importantes em nossas vidas, e nos ajudam a assimilar noções de bem e mal, certo e errado. Em geral, nos identificamos ...

Na construção de seu pensamento filosófico, Nietzsche tem como objetivo precípuo questionar o valor dos valores. Para tal, o filósofo discutia sobre a validade da tradição greco-medieval, remontando às suas origens, visando fundamentar a crítica por ele elaborada em relação à moral vigente. A esse respeito, Nietzsche defende que a tradição que se consolidou, permeando toda a história da humanidade ocidental, caracteriza-se pela desvalorização da vida presente em nome de ideais póstumos que acabam por nos afastar do nosso

“eu” real. Este trabalho procura demonstrar como sua análise crítica da moral ocidental é válida e possibilita, por meio do ato genealógico, uma mudança na concepção do que é o homem e com isso, uma nova valoração da vida.

Fazer a história da filosofia significa ressaltar o que está subentendido no pensamento dos filósofos, afirma Regina Schöpke, e essa é a tarefa a que se propõe neste livro. Analisa o legado de Deleuze, “um pensador da diferença, um pensador das singularidades, e será preciso mergulhar em suas ideias e nas composições que ele fez com outros pensadores para compreendermos bem por que só uma ruptura com a representação clássica pode liberar o pensamento de sua função recognitiva e fazer dele uma potência criadora”. Ao longo do livro, Regina nos mostra como “funcionam” os conceitos deleuzianos e por que podemos considerá-lo um pensador nômade. Estuda também o pensamento de outros filósofos que, direta ou indiretamente, abordaram a questão da diferença, contribuindo para traçar uma genealogia do conceito: entre os gregos, no pensamento medieval, na filosofia moderna e contemporânea. Ao final de seu trabalho, traz uma reflexão sobre arte e pensamento nômades como afirmadores da diferença.

Conhecido por estudar diversas questões relacionadas, não só, a moral e a ética, Friedrich Nietzsche (1844/1900) abordou questões filosóficas através de uma perspectiva jurídica e questões jurídicas a partir de uma perspectiva filosófica, com a finalidade de efetuar uma crítica do direito na modernidade, dos valores morais dele decorrentes e propor uma ética que se caracteriza pela transvaloração dos valores ocidentais.

Nietzsche pensa a relação entre moral e justiça a partir do conceito de bom. Dessa forma, haveria uma resposta universalmente válida para a pergunta: “o que é bom?”.

Em sua obra “Genealogia da Moral” o filósofo “conceitua” a Moral como aquilo que é útil “as ações altruístas foram louvadas e reputadas boas por aqueles a quem eram ‘úteis’”. Uma segunda aplicação proposta por Nietzsche é a de que não há nada que seja bom em si mesmo, ou seja, o conceito de “bom” se dá por aqueles que, através de uma prática, consideraram determinada ação como boa.

“... juízo de ‘bom’ não provém daqueles aos quais se fez o ‘bem’! Foram os ‘bons’ mesmo, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo o que era baixo, vulgar e plebeu. Desse pathos da distância é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores: que lhes importava a unidade!”

Dessa forma, ao entender que o homem bom não é aquele que faz o bem, e sim, aquele que faz o que quer, abre-se a possibilidade para um mundo sem

moral universal, isto é sem valores que valham obrigatoriamente para todos. Nietzsche propõe que a escolha dos valores pertença a cada um, uma vez que a hierarquia dos valores muda ao longo da história. Por exemplo, um período em que a vingança era mais valorizada do que a justiça, enquanto, atualmente valorizar a vingança é ser imoral. Ou seja, são esses valores, mutáveis, que determinam o que é moral e imoral.

Nesse contexto, agir com moral significa estar ligado a uma tradição e agir conforme ela determina. Ao agir fora do que ela estipule o peso de ser imoral logo cairá sobre o indivíduo.

Desde a filosofia de Sócrates até os nossos dias, percebemos que muito se fala de moral. Segundo Nietzsche, porém, as pessoas não sabem muito bem o que é verdadeiramente “moral” e chegam a confundi-la com o bem e mal. Para buscar compreender a questão, colocamos também nós a pergunta: qual a origem da moral? O que é a moral? Ela é mutável? Ela é única ou existem várias “morais”? Qual a sua história? O ressentimento seria criador de uma moral? Qual a sua importância para a vida do ser humano?

Nietzsche constata que tudo que recebera de conceito sobre a moral advinha de leis, tradições e instituições que não podiam garantir a veracidade do conceito de moral. Portanto, o filósofo alemão constrói sua filosofia baseada numa crítica à moral, aos valores que foram impostos pela sociedade.

A obra “Genealogia da Moral: Uma Polêmica” realiza uma crítica radical ao conceito que recebera de moral. O filósofo diz: “não vejo ninguém que tenha ousado fazer uma crítica dos juízos de valores morais [...]. Até o momento ninguém examinou o valor da mais famosa das medicinas chamada moral: [...]. Esse é justamente nosso projeto”

Nietzsche critica em primeiro lugar a pessoa de Sócrates juntamente com toda a tradição filosófica que não se preocupou em questionar o conceito de moral. Pelo contrário, acreditam cegamente nessa moral. “Na qualidade de toda tradição filosófica, Sócrates é ao mesmo tempo repugnante e fascinante”. Como se não bastasse uma crítica a toda a tradição filosófica, estende-a também à metafísica que transporta suas respostas para um plano que está para além da realidade. “O fim da fábula, anunciando o zênite da humanidade sem “ídolo”, ensinada por “Zaratustra”. Este ídolo de um “mundo verdadeiro” é o protótipo da metafísica, necessariamente dualista, venerando um além imaginário, batizado de “o ser”, “Deus” ou “a coisa em si””.

Com essa crítica à metafísica propõe ao ser humano que ele seja o seu criador, seja responsável por criar um mundo mais autêntico e sem fábulas, sem projetar sua vida para algo que esteja fora dessa realidade.

O filósofo chega à conclusão de que a moral é uma interpretação que busca atender às necessidades e interesses pessoais.

Ao analisarmos a história do cristianismo podemos perceber que, muitas vezes, a moral “esteve a serviço do grupo dos que, também em grupo ou como ditadores, manipulam esse grupo maior que é a humanidade”.

Nietzsche constata que a moral é relativa, mutável levando em conta o meio no qual esteja inserida, com seus fortes e fracos. Por isso deseja que os homens não se submetam aos valores morais que são tidos como bem e mal.